Padre Joaquim José da Rocha Espanca

M BILLE EMORI BURI societ f A 迎近

A



CADERNOS CULTURAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA VIÇOSA

Cadernos Culturais da Câmara Municipal de VILA VIÇOSA

Procurando recuperar aspectos da cultura tradicional alentejana e promovendo obras actuais, os cadernos culturais fornecerão aos leitores em geral e aos Calipolenses em particular um melhor conhecimento do contexto histórico e social da actual geração.

NA CAPA:

Igreja de Santo António - Fachada e pormenor do Santuário

NA CONTRACAPA:

Almedina ou Vila Velha - Rua Alvaro Gonçalves



NOTA IMPORTANTE

A presente publicação é cópia in tegral do texto do manuscrito de AS MEMORIAS DE VILA VIÇOSA, tendo-se unicamente procedido às actualizações ortográficas que as circunstâncias justificavam.



MEMÓRIAS

DE

VILA VIÇOSA

MEMORIAS

VILA VIÇOSA

CAPITULO XVIII

Freguezia de S. Bartholomeu

A Igreja de S.Bartholomeu foi derrubada por ser velha e se querer fabricar outra de novo. (Cadornega - Descrição de Vila Viçosa)

D.Theodósio I desejou muito engrandecer Villa Viçosa e assim intentou transferir para esta vila a Colegíada da villa de Ourém do Padroado Brigantino; e deu princípio à Igreja em Villa Viçosa.

(Sousa - Hist. Genealógica - Tomo V)

I

Pouco tenho a dizer aqui sobre a Paróquia de S. Bartolomeu visto que já mencionei em diversos lugares qual foi a sua primeira sede, como esteve por empréstimo tantos anos funcionando na Igreja do Espírito Santo, e como final mente passou a estabelecer-se na do Colégio dos Padres da Companhia. Resumi rei, pois, tudo isso.

A Igreja de S. Bartolomeu foi edificada no meio da Praça Nova quando ali eram apenas subúrbios da vila antiga e portanto a dita Igreja não passava en tão de uma simples Ermida como a de S. Tiago ou S. Lázaro. Faltam memórias da sua fundação. Atendendo porém a que a devoção para com o Apóstolo S. Bartolomeu principiou a desenvolver-se no tempo de El-Rei D. Dinis, continuando até ao de El-Rei D. Pedro I que era muito devoto deste Santo Apóstolo, crê-se com fundamento que a dita Ermida, assim como outras de várias terras do Alentejo, tiveram a sua fundação no século XIV.

Um século depois, ou no tempo de D. Jaime, engrossada já muito a popula - ção de Vila Viçosa, resolveu a Padroeira Ordem de Avis criar nela uma segunda Freguesia e, como era mais fácil realizá-lo aproveitando para sede da Freguesia alguma Igreja existente já, foi instalada a nova Paróquia urbana na dita Igreja de S. Bartolomeu da Praça para onde se ia dilatando a povoação.

O que nos falta agora é a data da erecção da nova Igreja Paroquial e que

decerto obteríamos se porventura funcionasse ainda o Convento de Avis. Conjecturo que isto sucedeu nos princípios do século XVI em tempo do Duque D. Jaime.

Logo, porém, se notou que a Igreja de S. Bartolomeu não estava nas condições de servir de Paróquia, tanto por ser pequena como por ser velha e arruinada. Assim, pois, resolveu o Duque D. Teodósio I, cerca do ano de 1560, reedificá-la pelo gosto da época que era o que tem a Matriz, isto é, traçando-lhe três naves com três portas no frontispício virado para nascente ou antigo Adro de S. Bartolomeu. Mais tencionava D. Teodósio trasladar para esta nova Igreja a Colegiada de Ourém que era do Padroado Brigantino, o que decerto iria pôr a Freguesia de S. Bartolomeu em condições melhores do que as da Matriz. Abriram-se os alicerces, começaram a levantar-se os muros e quando estavam na altura de um homem pouco mais ou menos faleceu o Duque e suspen deram-se os trabalhos para nunca mais serem continuados.

Antes de prosseguir nesta história, advirto já que no manuscrito anónimo, citado no capítulo precedente e de que adiante darei ainda um extracto, conta-se que fôra o Duque D. João I quem derrubara a antiga Igreja de S. Bartolomeu e principiara a nova, mas dou preferência à narrativa da História Genealógica porque o seu autor revolveu o cartório da Casa de Bragança e estava bem informado por ele, ao passo que o autor do manuscrito não é de inteiro crédito como se viu no tocante à história da Matriz.

II

Derrubada a Igreja velha de S. Bartolomeu, forçoso foi instalar-se provisoriamente a Paróquia noutra Igreja enquanto se não edificava a nova. E qual foi essa Igreja que ficou servindo provisoriamente de Paróquia de S. Bartolomeu?

Morais no Parnaso de Vila Viçosa, mencionando o Adro de S. Bartolomeu, acrescenta que, como seja Igreja derrubada, se passou sua freguezia para a Igreja do Espírito Santo. (1) Cadornega diz a mesma coisa e Calado no Valero so Lucideno foi até incorrecto na frase dizendo que a vila tinha duas paróquias, sendo a segunda a do Espírito Santo (2) quando este nunca foi o seu Ii

⁽¹⁾ Livro 2, cap. 25.

⁽²⁾ Págs. 94 e seguintes.

tular.

Aqui, porém, dá-se um inconveniente porque, sendo a dita Igreja do Espírio Santo fabricada nos anos de 1564 a 1568, como já vimos, isto é, logo depois da morte do Duque D. Teodósio I falecido em 1563 e sendo a Paroquial de S. Bartolomeu principiada por ele como deixo assentado, segue-se que não podia a Paróquia ser logo transferida para a Igreja do Espírito Santo por esta ainda não estar edificada.

Tal dúvida resolve-se contudo à vista do manuscrito anónimo que deixei $c\underline{i}$ tado atrás e que diz:

"Igreja de S. Bartholomeu

Consta da vida do Duque D. João, 6º da Real Casa, que este Senhor fez os Paços Ryaes de Villa Viçosa com a maior perfeição e fez a Igreja de Santo António; quiz este Senhor mudar a Sé de Ourém para Villa Viçosa para o que queria fundar no meio da villa junto à Mizericórdia, no qual sítio estava a Igreja de S.Bartolomeu e foi derrubada; e os Clérigos e Prior (que hera alli afreguezia) foram todos para a Igreja de S.Sebastião; foram feitos os alicerces para a obra que se intentava fazer Sé e repartidas as cappellas que havia de ter nos lados da Igreja e três portas na frente e duas torres; mas faleceo o Duque e ficou a obra parada.

Ficou sua mulher a Senhora D. Catherina, a quem os clérigos fizerão sua súplica que já que a sua Igreja se havia derrubado para aquellas obras que estavão paradas os acomodasse aonde não ficassem tão longe; e a dita Senhora os mandou para a Igreja da Misericordia e fez da capela-mor desta Igreja doação à Irmandade do Santíssimo Sacramento, ordenando que do sacracrio tivesse uma chave o Capelão da Santa Casa; e sendo caso que os irmãos desta Santa Casa quizessem expulçar da dita Igreja os Irmãos do Sacramento, lhe pagarião quanto tivessem gastado na dita Igreja.

A Igreja da Misericórdia teve o seu principio pelos annos de mil quinhem tos e sessenta e oito.

Faleceo a Senhora D. Catherina a 15 de Novembro de 1614".

Fica transcrito por inteiro o título ou capítulo relativo à Igreja em ques tão.

Se bem que destrói por um lado o que afirma a *História Genealógica* a respeito de ser D. Teodósio I e não D. João I o autor da reedificação da Paró-

quia, por outro confirma-o asseverando que o Prior e Clérigos de S. Bartolomeu quando se demoliu a Igreja velha passaram para a de S. Sebastião no Rossio.

Estou conforme esta versão.

E ela mesma dá-me a certeza de que foi efectivamente no tempo de D. Teodósio I que se derrubou a Igreja velha de S. Bartolomeu, porquanto se fôra isto no tempo de seu filho D. João I não havia mister de transferir a Paróquia para o Rossio quando tinham já a Igreja do Espírito Santo no mesmo Adro de S. Bartolomeu.

As coisas correram assim ou com pouca diferença. Em 1560 ou antes derrubou-se a Igreja velha de S. Bartolomeu e principiou-se a nova mudando-se a Paróquia para a Igreja de S. Sebastião. Morre o Duque D.Teodósio I em Setembro de 1563 e param as obras pouco depois por faltar quem lhes desse impulso e principalmente porque, sendo a Ordem de Avis como padroeira quem as custeava com o produto dos dízimos e tendo a mesma Ordem começado em 1571 (ou cerca) a reedificação da Matriz do Castelo, pararam as obras da Igreja nova de S. Bartolomeu.

No testamento de Pedro de Mures feito em 1563 mencionam-se estas obras para as quais ele deixou 2:000 réis de esmola: sinal certo de que naquele ano estava já derrubada a Igreja velha e principiada a nova (Tombo 1° da Misericórdia).

Af por 1569, quando se planeou a reedificação da Matriz, olhando-se a que a Ordem Padroeira não podia custear simultâneamente a reedificação das duas paróquias, conveio-se em colocar a de S. Bartolomeu na Igreja do Espírito Santo até se ultimarem as obras da Matriz. E como estas duraram até depois de 1640 e faltaram cá os Duques para lhes darem impulso, ficaram por último esquecidas.

III

Por empréstimo ou provisoriamente funcionava no Espírito Santo a Freguesia de S. Bartolomeu quando entre nós viviam Morais, Calado e Cadornega. E nós ainda que tão distanciados ali a conhecemos ainda até 19 de Fevereiro de 1865 porque a obra da Igreja nova nunca foi por diante por causa da Restauração Monárquica de 1640.

Segundo os meus cálculos, esteve a Paróquia na Igreja do Espírito Santo 297 anos.

Ainda que central esta Igreja não tinha capacidade bastante para ser Paroquial. Por isso, af por 1854 ou 1855, obteve a Junta de Paróquia da Casa de Bragança a cedência da Igreja do Colégio para instalar ali definitiva ou per petuamente a Freguesia. Começaram-se os trabalhos preparatórios em 1862 e conclufram-se em 1865.

IV

Resta-nos portanto dar conta do destino que teve o templo começado no meio da Praça Nova a que os documentos antigos chamam Egreja nova de S. Bartuolo-meu.

Como a Misericórdia reservou para si o direito das sepulturas na sua Igreja do Espírito Santo, forçoso foi à Freguesia urbana o servir-se da Igreja nova para tal fim. E serviu-se até que se organizou a moderna Praça depois do meio do século passado, o que poderá precisar-se à vista dos livros de óbitos.

Não số tinha ali a Freguesia o seu cemitério, mas também a torre com os seus sinos que dizem os antigos ficar perto do palácio de José Bernardo de Sousa da Câmara, isto é, correspondendo à traseira da Igreja nova, pois é provável que a antiga tivesse o frontispício para o poente como usavam nos antigos tempos. Essa torre era descoberta conforme o que se lê no provimento da visitação geral do Prior-mor de Avis D. Frei António de Brito Pereira, nos so patrício, que esteve aqui a 10 de Fevereiro de 1691. Nesse provimento, que se conserva no cartório da paróquia, notou ele: 1º - falta de paramentos que mandou fazer por conta do dinheiro da Fábrica; 2º - incerteza nas horas da celebração da missa conventual mandando que da Cruz de Maio à Cruz de Setembro fosse a missa dos dias santificados às nove horas e no mais tempo às dez; 3º - irem tarde para a Igreja os Beneficiados em dias de confissão, conversarem durante os ofícios divinos, saírem para fora da terra sem licença do Prior, não acompanharem o Sagrado Viático e não se tanger na torre a matinas e vésperas.

A respeito da torre, diz: "Fomos informados que a torre dos sinos d'esta Igreja não tem reparo algum ao rigor dos temporaes, no que tem grave discóm<u>mo</u>

do o Thesoureiro pela obrigação de ir e estar n'ella repetidas vezes de noite e de dia: pelo que mandamos ao Reverendo Prior que do dinheiro da fábrica mande reparar a dita torre de maneira que não chova n'ella, nem se molhe quem vai tanger os sinos".

Segundo outro provimento de 13 de Dezembro de 1697 feito pelo Juiz da Ordem Manuel Soeiro da Ponte, não estavam cumpridos os capítulos precedentes que ele renovou, repreendendo mais que os Clérigos usassem de lobas abertas de baeta em vez de as trazerem cerradas.

No Livro de Lembranças da Misericórdia, começado a escrever em 1665, acho memória de ter a Câmara Municipal requerido à Misericórdia faculdade para de molir o carneiro do Adro que estava indecente saltando-lhe os cães dentro e comendo os ossos e mandou a mesma Câmara enterrar os ditos ossos em valas fundas no mesmo Adro obrigando-se a Misericórdia a fabricar outro carneiro novo.

Quanto à torre, tanto por ameaçar ruína como por se ter assentado no meio do século transacto em formar a Praça Nova com a sua extensão actual, viu-se obrigada a Padroeira Ordem de Avis a derrubá-la a reclamações da Câmara, fazendo então a torre que se acha encostada à Igreja do Espírito Santo e que a Misericórdia veio a lucrar. Segundo me informaram pessoas antigas, foi já feita esta obra pelo mestre de obras Bonifácio da Fonseca Vidigal aí por 1790.

Ao mesmo tempo ou talvez antes foram derrubados os muros da Igreja até aos alicerces subsistindo apenas até ao princípio do século actual uma oliveira, perto da esquina da rua dos Fidalgos e que outrora pertencera a quinchoso da ermida antiga.

Estava já decidido absolutamente que não fosse por diante a reedificação da Paróquia nova de S. Bartolomeu, mas subsistissem apenas os seus alicerces no centro da Praça moderna para memória deste facto.

Contavam-me os velhos que a dita Igreja ainda servia de cemitério quando em 1757 se acabaram os Paços Municipais novos e confirmando isso narravam o facto seguinte que eu reproduzo aqui por diversão. Um homem semifátuo, que tinha a alcunha de Ré Ré, transpôs uma tarde os muros da Igreja-cemitério e deitou-se ali ao sol para dormir e curtir uma bebedeira: coisa a que era afeiçoado. E nesse mesmo dia tinha-se ali dado sepultura a um cadáver. Ré dormiu profundamente e só acordou quando o arrefeceu o ar da noite e ao mesmo tempo que se aproximava dos parapeitos um alvenéu chamado Manuel Mar-

tins Leitão, (1) morador na rua de Santa Luzia e um tanto galfarro pois dizem que nunca saía de casa à noite sem trazer consigo o então clássico florete. Vendo-o e conhecendo-o o Ré Ré, bradou-lhe com voz vaporosa e trémula: - Oh amigo Leitão, acóde-me! Vem ajudar-me a levantar! ...

Que havia de imaginar então o alvenéu?: Que era o defunto sepultado naque le dia quem lhe estava pedindo socorro! Afastou-se logo um pouco e porque notou que o imaginário defunto se mexia dirigindo-se para ele, deu às de Vila Diogo Praça acima até se ir meter em casa com um pânico formidável. Quando no outro dia soube pelo próprio Ré Ré que o caso se dera com ele, disse — lhe rangendo os dentes: Ah, ladrão! Se sei que eras tu... matava-te!

Achei finalmente uma memória da trasladação dos ossos da Igreja-cemitério de S. Bartolomeu. Teve lugar em Agosto de 1793, sendo então arrasados os seus muros e ficando a praça constituída como está agora.

V

No intuito de instruír os meus leitores em matérias antigas quanto me é possível, continuarei a notícia de alguns provimentos dados a esta Paróquia pelos Visitadores, pois daí resulta um conhecimento de factos antigos apoiado em documentos oficiais.

Nas Igrejas da nossa terra havia duas classes de visitadores: uns da Ordem Padroeira de Avia em que ordinariamente figurava o Juiz da mesma Ordem; e os outros eram os do Ordinário do Arcebispado ou do Isento quando não vinha o Prelado em pessoa fazer a visita ordinária. Só os últimos deixaram extensos provimentos.

No da visita que o dignissimo Arcebispo D. Frei Miguel de Távora fez em 25 de Março de 1751, consta que o livro dos provimentos antigos estava no cartório da Vigararia da Vara, razão por que não posso remontar mais longe a este respeito.

O dito Arcebispo:

lº - Revogou a proibição, posta pelo seu antecessor D. Frei Luís da Silva, de se dizer missa na Paróquia enquanto se tocasse ao Sagrado Viático ou Ele estivesse fora, ordenando que se abstivessem apenas os sacerdotes de irem

Segundo o que li no cartório municipal foi tesoureiro do Subsídio Literário em 1793.

para o altar na ocasião de saír o mesmo Viático; e isto por lhe representarem que na Igreja do Espírito Santo havia nove capelães de missa quotidiana, além de outros sacerdotes que diziam missa na mesma Igreja.

- 2º Mandou que se ensine a Doutrina Cristã, ou fosse antes ou depois da missa ou de tarde, nos domingos, conforme determinara o seu antecessor, impondo ao Pároco a pena de suspensão logo que assim o não executasse.
 - 3º Estranha não encontrar registadas as pastorais e ordens do Prelado.
 - 4º Menciona erros e equivocações no registo paroquial.
- 5º Manda aplicar a terça da terça dos falecidos *ab intestato* para ofícios e missas por sua alma.
- 6º Proibe às mulheres que vão à missa embuçadas em capotes ou com capuzes na cabeça, o que obstava a poder distinguir-se se eram homens ou mulheres.
- 7° Veda aos Clérigos o uso de capinhas ou murças por cima das sobrepel \underline{i} zes, assim como o dos circílios ou perucas (chinós), sem sua licença durante a celebração da missa ou canto de evangelhos e epístolas.
- 8º Corrige o abuso de trazerem os Clérigos lobas abertas pelas costas e abotoadas adiante só com o primeiro botão, ficando assim também abertas por diante e eles descompostos. Item o abuso de safrem ao campo de véstia man dando que, pelo contrário, vestissem casacas talares podendo ser mais curtas nas saídas ao campo.
- 9º Outrossim, corrige o abuso de não pagarem dízimos os Freires, Clérigos do Hábito de S. Pedro e Cavaleiros do Hábito de Cristo, alegando um privilégio que não tinham.
- 10º Achando que não havia Igreja Paroquial há tantos anos, que se não en contrava pessoa ainda que das mais velhas da vila que se lembrasse da Igreja velha nem de se fazerem os alicerces que estavam principiados para a Igreja nova, manda que se continuem as obras como já ordenara em 1745 o seu Visitador José António Lucas de Andrade, à custa da comenda que pertencia ao convento de Avis, pois contribuindo esta freguesia para a fábrica ordinária do dito convento justo era que este mandasse continuar a edificação. Acrescenta que fábrica supõe Igreja que se fabrica.
- 11º Manda consertar ou fazer de novo muitos paramentos por se achar a Paróquia em precárias circunstâncias, nem ter confessionários em forma que também ordenou se fizessem com grades bastas, obrigando o Prior a recorrer ao Grã-Mestre dentro de dois meses para se fazer isto à custa da comenda se não bastasse o dinheiro da fábrica.

- 12° Estranha não haver livro de inventários e que o Pároco apenas com umas folhas soltas lesse ao Prelado o relatório das alfaias, utensílios, etc. que havia na Paróquia.
- 13° Corrige o abuso de darem os Distribuidores missas a Freiras para com elas fazerem contratos por doces.
- 14º Manda por último que ao recolher-se a procissão de qualquer Santo se cante na Igreja a antífona, verso e oração do mesmo Santo: coisa que se não praticava.

Pouco gostoso ficou o Arcebispo D. Frei Miguel com os serviços do Prior Francisco de Araújo de Sampaio Homem e Magalhães e tanto que mandou publicar o provimento pelo Distribuidor em três domingos sucessivos, na forma do costume, ordenando que só depois entregasse o livro ao dito Prior.

Antes de prosseguir nesta matéria, farei já algumas observações e serão as seguintes:

- lª As freguesias foram sempre muito pobres de paramentos e alfaias e só nos nossos dias melhorou algum tanto a sua condição nesta parte com os donativos dor ornamentos, alfaias e utensílios dos conventos extintos. E contudo havia razão para as Paróquias estarem bem providas do necessário visto que os dízimos davam para tudo isso à farta, mas... a comendatária Ordem de Avis o que pretendia era receber muito e dispender pouco ou nada... Eis a razão por que a Providência um dia acabou com os dízimos e comendas que, devendo antes aproveitar à sua Igreja, estavam sendo interesse de particulares pessoas.
- 2ª Em cada freguesia da vila havia uma Distribuição que constava do Prior, Beneficiados Curas (eram dois) e mais Clérigos serventuários da Paróquia. Dava-se a tal grémio o nome de Distribuição porque as missas, festas, enterros e ofícios da Freguesia eram repartidos por todos com igualdade e por isso mesmo havia um Clérigo eleito para o ofício de Distribuidor e um livro de onde constavam os serviços de cada um para no fim dos meses receber cada qual os seus emolumentos.

Prossigamos. Do preâmbulo da visitação de 1751, onde se memora a revista do sacrário, etc., deduz-se que ainda no Espírito Santo se não tinha fabrica do a capela do Santíssimo, mas estava o sacrário na capela-mor.

Na visita de 8 de Setembro de 1754 feita por Manuel Dias Branco, Prior de Santa Catarina de Quintos, estranha este que o Prior António Xavier do Vale não fizesse mais do que uma prática em dia de S. Bartolomeu e descurasse o ensino da Doutrina, mandando aliás os rapazes para os mestres das escolas, o

que não praticara o Encomendado Padre José de Deus. Nota penúria e miséria de ornamentos. Para evitar as demoras grandes que havia em saír o Sagrado Viático, principalmente de manhã, roga e manda à Irmandade do Santíssimo queira no mear cada mês doze irmãos com obrigação de serem prontos a concorrer ao toque ou mandarem outra pessoa em seu lugar no caso de impedimento. Item - ordena que os Clérigos, estando na Igreja ou no Adro, se não retirassem para suas ca sas sem acompanharem o Santíssimo, o que muitos faziam com grande escândalo dos seculares.

Do provimento da visita feita em 7 de Janeiro de 1757 pelo Dr. José da Cunha e Silva, Prior de S. Tiago do Escoural, consta haverem-se feito alguns para mentos, mas ainda não os precisos e ordenados pelo Arcebispo, o que era culpa do comendatário e não do Prior. Manda repetir o requerimento ao Grã-Mestre El-Rei) sobre a edificação da Igreja Paroquial. Proibe que se façam novenas noite, chamando-lhe costume abominável, contrário ao direito e às ordens Prelado e causa de muitos perigos, e que seria permitido somente nas casas de licença expressa do mesmo Prelado. Diz que presenciou a pouca decência de assistirem à missa as mulheres ordinárias com capote e capuz enfiado na cabeça. Proibe que assistam assim à missa e nem sequer com capote à missa conventual, mas com manto. E quanto às pobres permite que vão à missa de alva com capote sim, mas sem capuz na cabeça: tudo isto é preceituado sob pena de multas que o Meirinho dos Clérigos impunha nas transgressões. Lamenta a violação do do minya, mencionando expressamente os ferradores e curtidores como os mais es candalosos:impõe-lhes penas até à suspensão dos seus ofícios, permitindo-lhes que somente pudessem trabalhar em caso de necessidade com licença do Vigário da Vara a quem recomendava a polícia deste caso. Manda encadernar em forma os livros antigos do registo paroquial, visto acharem-se quase na forma de cadernos. Lamenta o abandono em que os Clérigos tinham o Culto de S.Pedro e ordena que os irmãos da sua confraria cumpram as suas obrigações.

Antes de prosseguir nesta matéria convém instruir a gente moderna sobre as multas de que atrás se fala. A Igreja de Deus tem uma hierarquia própria e independente do Estado civil e todos os cristãos, pelo facto de o serem, devem obedecer tanto à Igreja como ao Estado. Para se fiscalizar, pois, a observância dos deveres públicos, houve sempre em cada vila um Vigário da Vara com o seu Escrivão e Meirinho. Era o Meirinho que servia de oficial de diligências e efectuava a captura dos réus quando lho ordenavam. Ora, como entre nós não havia aljube, serviam os cárceres dos conventos para os Clérigos e para os leigos servia a cadeia civil, conforme uma Provisão Régia

que se acha registada na Câmara.

E sem ser assim não se compreende o que seja governo eclesiástico.

Visita do Dr. João Justiniano Farinha em 17 de Novembro de 1762. Consta do seu provimento que o Prior António Xavier do Vale já cumpria as obrigações da catequese e homilias, promovendo até que se conservasse quotidianamente na sua Igreja o santo e louvável exercício da oração mental. Item - que a Paró quia melhorava de ornamentos pouco a pouco, segundo os ténues rendimentos da fábrica, devido tudo ao zelo do Prior que ia fazendo o possível. Item - qa bar o Visitador os ricos ornamentos que tinha a irmandade do Santíssimo proibir que sejam emprestados para fora da Igreja sem licença do Juiz, Escri vão e Tesoureiro da Irmandade com pena de 6\$000 réis, metade para o meirinho e a outra para a fábrica da Igreja. Renova o Visitador as penas contra Clériqos da Distribuição e os doze irmãos do mês do Santíssimo que faltassem ao terceiro toque para safr o Sagrado Viático, impondo-lhes multas de 50 até 200 réis conforme as reincidências. Para evitar que as crianças estivessem quinze, vinte e mais dias por baptizar, obriga as parteiras a informarem Pároco de cada nascimento sob pena de 2\$000 réis. Lamenta a violação do des canso do domingo, havendo lojas abertas sem serem de comestíveis, que trabalhassem os aquadeiros, etc. e encarrega a fiscalização disso ao meirinho con denando os transgressores num tostão, metade para o dito e a outra para as Al mas do Purgatório. Recomenda novamente o uso dos mantos para as mulheres as sistirem à missa, permitindo o dos capotes somente na missa de alva.

No seguinte ano de 1763 deu-se o caso de falecer sem testamento a sogra de João de Sousa Pais e, não querendo este entregar a tercinha ao Prior Vale para sufrágios, moveu este contra aquele um pleito e obteve sentença a seu favor na Relação de Lisboa a 9 de Agosto do mesmo ano por assim estar em uso na Freguesia. A sentença original ficou no cartório de Joaquim José de Oliveira, Escrivão do Geral. Tal direito paroquial, porém, veio a caducar depois ficando somente em vigor pagarem os herdeiros de cada finado três missas por sua alma, a saber: ao Anjo Custódio, à Senhora da Guia e ao Santo do nome.

De outro provimento de visitação do mesmo Dr. Farinha em 13 de Fevereiro de 1767, sendo já Prior Frei Francisco Valério Orvalho, consta o seguinte. Continuava o ensino do catequismo, a explicação do Evangelho e a oração mental. Melhorava pouco a pouco a alfaia, mas continuava a falta de observância dos dias santificados e a pouca decência do uso dos capotes nos ofícios divinos. Reprova o uso de se darem sinais de falecimento a qualquer hora da

noite contra o costume do Arcebispado, reservando somente essa distinção : 1º - para os que tiverem o foro de Fidalgo; 2º - para os Priores e, sendo sacerdotes ou pessoas graves, permitia que se dessem os ditos sinais até às oito horas da noite. Proibe que se façam enterros depois das trindades "e quando encomendarem os defuntos (diz mais) em casa se praticará o dispostono Ritual Romano dizendo a antífona Si iniquitates, o salmo De profundis e a ora ção Tibi, Domine, commendamus; e na Igreja se cantará o responsório Libera me e não o Memento por ser este costume contra o Ritual. E no enterramento dos anjinhos se dirá na Igreja o salmo Benedicite; e quando este se entoar se dará o corpo à sepultura ". Proibe que o Prior de S. Bartolomeu assista a casamentos sem mandado escrito do Prelado logo que um dos contraentes fosse da Matriz; e o mesmo aconteceria nesta, vice-versa, podendo receber sem mandado somente os noivos solteiros, baptizados e sempre residentes na freguesia. (1)

Visita do Dr. Manuel Coelho de Moura em 26 de Setembro de 1770:

Continuavam as práticas e o ensino da doutrina. Reprova-se o uso das gradelas (guarda-frontais em quadro) nos altares contra o disposto nos sagrados ritos e manda-se tirá-las ficando somente o pé (guarda-pé) para resguardar os frontais por baixo.

Visita do Dr. Francisco Xavier de Andrade em 9 de Agosto de 1776:

Continuava o Pároco a cumprir as suas obrigações e a Igreja estava sufi - cientemente paramentada, posto que necessitasse ainda de muitas coisas. Manda-se que os usos e costumes de ofertas em ofícios, enterros, festas, etc. sejam conformes aos da Matriz.

Em 1784 requereu o Prior de S. Romão e Vigário da Vara Frei Vicente Pedro da Rosa com os dois Procuradores do Povo e mais 35 proprietários ao Arcebispo D. Joaquim Xavier Botelho que dispensasse os jornaleiros do preceito da abstenção de trabalhos servis num grande número de dias santos ficando todavia obrigados ao preceito da audição de missa (de alva no Espírito Santo por conta da confraria das Almas). O Prelado assim o concedeu em Provisão de 23 de Agosto, juntando-lhe a relação dos dias festivos dispensados (eram 17). Ora, como este indulto era privativo do termo de Vila Viçosa e em todo o Arcebispado se dava a mesma necessidade (falta de braços e precisão de trabalhar), o Arcebispo expediu ainda no mesmo ano uma Pastoral dispensando os jornaleiros da observância de 19 dias santos que são os chamados hoje "aboli

⁽¹⁾ O que pouco depois foi tolhido igualmente (1776).

dos".

Visita pessoal do Arcebispo D. Joaquim Xavier Botelho em 1786:

Manda acabar o ensino da doutrina com a recitação dos actos de fé, esperança, caridade, atrição e contrição. Suspende por três dias os sacerdotes que não acompanharem o Santíssimo, estando na Igreja, passando-lhe à porta ou encontrando-se com o Sagrado Viático e que os ordinandos levem certidão de comparecerem nestes acompanhamentos.

Visita do Bispo D. Vasco José Lobo em 10 de Outubro de 1817:

Admoesta os sacerdotes para que não gastem menos da terça parte de uma h \underline{o} ra na celebração da missa.

Aqui ficam resumidos os provimentos das visitas pastorais. Não fiz outro tanto a respeito da Matriz por valerem tanto uns como outros, sendo geralmente iguais as circunstâncias de ambas. Não obstante, já dei notícia de um provimento da Matriz a respeito da confraria do Carmo e o mais digno de especial menção aparecerá adiante em lugares oportunos.

VI

Resta mencionar as confrarias da Freguesia de S. Bartolomeu. Destas, a principal é a do Santíssimo Sacramento, a qual por sua mesma instituição teve de acompanhar a Paróquia para o Colégio. Esta Irmandade possui bens suficientes e mais do que a do Santíssimo da Matriz. Administra a capela do capitão Manuel de Araújo Pereira com obrigação de missa quotidiana, etc. Esta capela foi dotada com a quinta da Cebola de Cima que ele e sua mulher D. Ana Maria de Mesas venderam em 24 de Setembro de 1749 a Manuel Lopes de Torres por seis mil cruzados que ficaram a juro na sua mão e depois passou a outros em quantias menores.

A sua imagem do Senhor Jesus do Descendimento é muito perfeita, de tamanho natural, e muito leve por ser composta de papelão grosso e assim pode pôr—se crucificada numa grande cruz e descer-se dela por meio de toalhas. Ser ve na procissão do Enterro do Senhor em Sexta-feira maior e canta-se-lhe mis sa nas sextas-feiras de quaresma, custeando a maior parte da despesa dois ir mãos Mesários. Celebra a Irmandade exposição de Endoenças e festa anual do Santíssimo, além do ofício aniversário pelos irmãos defuntos e dos particulares por cada um deles.

Tem boas alfaias de prata.

A confraria das Almas do Purgatório como tinha feito à sua custa uma boa capela na Igreja do Espírito Santo e adquirido sacristia própria e casa de arrecadação, não quis saír desta Igreja perdendo o que nela possuía e ficando aliás mal acomodada no Colégio. Sustentou a capela da missa de alva enquanto houve abundância de sacerdotes e achou quem lha dissesse até 1\$200 réis cada uma. Faz um ofício com bastante solenidade pelas almas em geral e cumpre alguns encargos de sufrágios.

Estatística de baptismos nesta freguesia:

1682 - 85

1683 - 72

1695 - 66

1700 - 67

1720 - 90

VII

Catálogo dos Priores de que há notícia pelo registo paroquial. Este come ca em 1604 quanto aos baptismos e matrimónios e em 1674 quanto aos óbitos.

- l Frei Nuno Fernandes Fagundes (1604-14) Este Prior é o primeiro dos conhecidos actualmente e figurou até 1614.
- 2 Frei Manuel Reimondo Este, que foi Prior da Matriz, assina-se como Prior de S. Bartolomeu em 1614, 1616, etc.
- 3 Frei Manuel Ximenes Serve de Prior de 1615 a 1620, parecendo ser o efectivo da Paróquia. Era então Beneficiado Frei Gaspar Valente que serviu a Paróquia muitos anos.
- 4 Frei Pedro Vaz Paroquiou desde 1622 até 1629. Faleceu no Hospital da Misericórdia a 7 de Novembro de 1629.

- 5 Frei Luîs de Paiva Segurado Foi Prior de 1630 até 1643. Nesta época era Beneficiado Frei Gaspar Girão Lançarote, Licenciado pela Universidade de Evora e que foi Cura até 1663, pelo menos, nesta Freguesia.
- 6 Frei João de Valadares Limpo Começou a paroquiar em 1643 e faleceu em 2 de Junho de 1667 (Cartório da Miseri córdia). Era Licenciado. Nesta época era Beneficiado Frei António Godinho da Silveira, falecido em 1673.
- 7 Frei Manuel de Matos e Almeida Foi Prior desde Setembro de 1674 até
- 8 Frei Pedro Pereira da Silva Paroquiou quarenta anos ou até 1717. To mou posse em 28 de Novembro de 1677. Calipolense, filho do Dr. Domingos Pereira da Silva.
- 9 Frei Bernardo Gomes de Leão Licenciado e Beneficiado desta Igreja
 há muitos anos, paroquiou desde 1718 até fa
 lecer em 20 de Abril de 1734, sucedendo-lhe
 como Prior Encomendado o Beneficiado mais
 velho Frei Simão Francisco Teixeira que faleceu em 3 de Fevereiro de 1762.
- 10 Frei José Xavier de Vasconcelos Foi Prior efectivo desde 1735 até
 1744, sucedendo-lhe como Encomendado Frei
 Pedro de Sousa Girão, Vigário da Vara, que
 faleceu a 15 de Novembro de 1763.
- 11 Frei Francisco de Araújo Sampaio Homem de Magalhães Veio de Jurome

 nha onde paroquiara dez anos e tomou posse

 em 16 de Maio de 1745. Demorou-se cá oito

 anos e retirou-se para outra parte. Suce
 deu-lhe como Encomendado o Padre José de

 Deus.

- 12 Frei António Xavier do Vale Era natural desta Freguesia e fóra Lente no Convento de Avis. Tomou posse em Abril de 1754 e foi Prior até 1765. Os seus assentos são muito bem escritos e ele houve se como excelente Pároco. Seguiu-se- lhe como Encomendado Frei Francisco Xavier Monarca, Beneficiado, que faleceu nº 1º de Outubro de 1781.
- 13 Frei Francisco Valério Orvalho Era da nossa vila e tinha outro irmão sacerdote chamado José Vieira Orvalho, os quais ambos possufram a Quinta de ValBom que desde então é mais conhecida pelo nome de Quinta dos Padres. Tomou posse em 17 de Janeiro de 1767 e paroquiou vinte anos, seguindo-se-lhe como Encomendado D. Luís de la Cueva y Mendoza, calipolense apesar de pare cer castelhano. Faleceu em 20 de Dezembro de 1787.
- 14 Frei Henrique Lobo Tenazes de Lacerda Era forasteiro. Paroquiou desde Janeiro de 1789 até 1811. Foi o último que morou na residência paroquial (da Corredoura, vendida no tempo do Prior Palma e trocada por inscrições da Junta de Crédito Público). Faleceu em 22 de Agosto de 1811.
- 15 Frei António Pedro da Rocha Depois de ser Prior Encomendado por algum tempo o meu parente Frei António Pedro da Rocha, natural da nossa vila, passou a ser colado e serviu até falecer em 19 de $J\underline{u}$ lho de 1833.
- 16 Padre José Inácio Paixão Era natural da nossa vila e foi quem me
 baptizou e confessou pela primeira vez. Ser
 via de Beneficiado interino ou Encomendado,
 por não ser Freire de Avis, quando faleceu

o Prior Rocha. E passando então a ser Prior Encomendado só veio a colar-se em 1847. Faleceu de apoplexia em 5 de Abril de 1850 e foi sepultado no cemitério de S. José. Sucedeu-lhe como interino o Padre José Maria Carmelo, frade paulista, seu coadjutor.

- 17 Padre Filipe Benício Natural de Estremoz. Tomou posse em Feverei ro de 1851 e faleceu de gota a 24 de Junho de 1856. Também foi sepultado em S. José, em jazigo que lhe mandou fazer seu sobrinho Filipe Nery Cunhal, mercador.
- 18 Padre Frei António Maria Palma Natural de Beja, foi Capucho e Prior das Ciladas antes e depois de 1834, sendo por isso conhecido vulgarmente pela alcunha de Ciladas. Foi Encomendado e depois colado. Trabalhou muito nos exercícios do púlpito. Renunciou em Agosto de 1878 com 22 anos de Pároco nesta Igreja. Sucedeu- lhe como Encomendado o Padre Miguel Augusto Mata.
- 19 Padre João Maria Dinis Sampaio Natural de Nisa e Paróco de Arez.

 Tomou posse em 15 de Setembro de 1879. Per
 mutando com o Pároco de Gafete para ficar
 perto da sua terra natal onde tinha a legítima de seus pais, retirou-se depois da fes
 ta do Natal de 1883, ficando interinamente
 servindo vários enquanto não chegou o sobre
 dito.
- 20 José de Morais Carvalho Natural do distrito de Viseu. Veio no prin cípio da quaresma de 1884 sem estar ainda colado, o que se realizou algum tempo depois. Pouco serviço fez por se ausentar periodicamente e por último fez-se transferir

para Santa Maria de Vouzela na diocese de V<u>i</u>seu.

Entretanto serviu como interino o Padre António Ribeiro.

21 - Joaquim José da Rocha Espanca - Tomou posse em 24 de Julho de 1887.

CAPITULO XIX

Igreja de S. Sebastião ou do Mártir

Tem mais esta vila a Igreja do Bem-aventura do S. Sebastião que como tão grande capitão e defensor da fé, advogado da peste, está no fim daquela povoação, como tão valente de fensor. Está sita no Rossio por onde vai cor rendo a chamada Aldeia dos Bugios.

(Cadornega - Descrição de V. Viçosa)

T

A custa do Município de Vila Viçosa, bem como nos outros municípios do Alentejo, foi edificada a Igreja do Ínclito mártir de Cristo S. Sebastião em meados do século XVI. Precisar os anos da sua fundação e conclusão é já impossível por não existirem no cartório municipal memórias daquele tempo. No entanto, como é sabido que reinando o Piedoso D. João III foi o Reino muitas vezes assolado pela peste e que o mesmo Soberano escolhera o dito mártir para seu advogado contra o terrível flagelo ordenando ou recomendando às Câmaras Municipais que lhe erigissem templos votivos para todos os anos lhe dedicarem a sua festa e procissão, podemos atinar com a época da sua edificação, mais ano menos ano. Aí por 1550 devia estar concluída esta fábrica ou pelo menos em construção.

A Festa votiva ainda á custa da Câmara, porém a profissão não se faz de 1854.

Era tal a devoção de El-Rei D. João III para com o comandante das guardas imperiais do templo de Diocleciano que, desprezando o estilo de perpetuar na sua dinastia os nomes dos Reis dela, quis que a seu neto e sucessor se desse no baptismo o nome deste santo Mártir.

No Rossio de S. Paulo, encostado ao quarteirão compreendido entre as Aldeias de Cima e do Meio, foi levantado o templo municipal; e não sem acerto na escolha do sítio porque esta parte da vila, talvez por ser habitação de gente pobre, tem padecido sempre muito durante as epidemias.

Conquanto a Igreja do Mártir não fosse construída com luxo de marmóreas decorações, tinha espaço bastante para acomodar de 300 a 400 pessoas; não era inferior em capacidade à Igreja do Espírito Santo e por isso mesmo pôde funcionar ali por alguns anos a Freguesia de S. Bartolomeu, como já vimos. Era coberta de abóbada, tendo os muros bastante solidez, como pode ver-se no resto da parede lateral ainda subsistente. Mas com o terramoto de 1755 (segundo creio) abriu-se uma racha pelo centro da abóbada; não se cuidou em repertá-la ou meter-lhe linhas de ferro e como por fim se estabeleceu uma oficina de ferreiro a meias paredes, o choque dos malhos apressou o desabamento que sucedeu em 6 de Setembro de 1858 pelas quatro horas e meia da tarde.

Cuidou-se na noite do mesmo dia em trasladar as imagens para a Igreja de S. Paulo, de onde passaram poucos dias depois para a do Espírito Santo, ainda então Paroquial de S. Bartolomeu, a fim de ter lugar em 12 a festa da Senhora da Saúde como estava já assente.

Em seguida a Câmara achando sempre dificuldades em custear a reedificação do templo, ou antes da parte central da abóbada pois que restavam lanços nos avançamentos, foi pedir ao Governo Central a Igreja e Convento de S. Paulo a fim de que esta passasse a substituír a caída Igreja de S. Sebastião. E de pois que o Governo deferiu tal requerimento, nunca mais se falou em colocar as imagens em S. Paulo. Coisas da época...

III

Principiando-se a estrada municipal de S. Romão em 27 de Julho de 1868, nesse mesmo dia começou a demolir-se a parte do templo que sobressaía para a aldeia de Cima, a fim de que a estrada nova embocasse melhor nela. E, porque uma vez que se encetava a demolição já não parecia mal que se continuasse, passou logo a deitar-se abaixo o resto com a capela-mor, que ficara in-

tacta, a sacristia e o osseiro, vindo os ossos deste e os que foram exumados a ser trasladados para o cemitério de S. José no dia 12 de Agosto pelas seis horas da tarde.

Esses ossos eram geralmente de enjeitados visto que estes entre nós sempre têm estado a cargo da Câmara.

A portada principal já tinha sido tirada em 1863 para se pôr no primeiro patamar da escada dos Paços Municipais onde se abriu comunicação para as repartições da Administração do Conselho e Fazenda Nacional, e onde pode verse ainda; e, quanto à lateral, não sei que destino lhe deram. Era mais pequena, mas também tinha cimalha de mármore.

Como, porém, uma parte da parede lateral da epístola ou do sul tinha encostados a si alguns prédios de casas particulares, teve de ficar subsistin do para relíquia desta Igreja votiva que o Conselho quis erigir no século XVI e não quis restaurar no século XIX. E por igual razão ficou de pé um muro da capela-mor do mesmo lado, sobre o qual se alargou uma varanda do prédio contíguo com licença da Câmara.

Eis o resto do templo que eu vi de pé e que de futuro só ficará existindo na história dos Calipolenses.

TV

Estava a Igreja de S. Sebastião virada para o poente. Além da capela-mor onde se venerava o santo mártir, havia dois altares colaterais aos lados da boca da mesma capela, sendo consagrado a Santo Amaro o da parte do Evangelho e o outro a Santa Catarina de Alexandria, padroeira dos alvenéus entre nós.

Santo Amaro era invocado como advogado contra as moléstias de pernas e braços. D. Maria, filha do Duque D. João I, deixou-lhe em testamento uma capa de tela branca de ouro; (1) e sempre teve ali a sua festa a 15 de Janeiro feita com esmolas.

Do lado da Epístola e na parede que ainda hoje subsiste estava o altar de Nossa Senhora da Saúde, que era o mais formoso e tinha um bom cancelo de madeira em circuito, mostrando isso que não fora construído logo na primitiva do templo. A Senhora, que é de vestidos, estava metida num nicho com a sua

⁽¹⁾ O seu testamento está no Tomo 4 das Provas da História Genealógica.

vidraça. Possui alguns rendimentos que nos séculos XVII e XVIII eram administrados por uma confraria sua e agora são administrados pela Junta de Paróquia, e sempre tem tido a sua festa em Setembro. No princípio deste século XIX era a dita festa a mais popular e estrondosa da nossa terra, sendo tesou reiro da sua confraria ou mordomia um devoto sacerdote chamado Padre Manuel António de Sá Boamorte, falecido em 1816, o qual embelezou o altar ou capela. Algumas vezes se cantaram ali vésperas e matinas solenes e sempre havia tourada num curro de madeira formado junto à cerca dos Paulistas.

Nos domingos e dias santos dizia-se ali missa às onze horas, sendo paga essa capela pelos vizinhos do Rossio. Isto durava ainda no meu tempo e eu frequentava essa missa de que foi último capelão o Cónego Bernardino Maria de Matos, vencendo 480 réis por cada uma.

O frontispicio era singelo, tendo apenas por cima da porta um largo óculo com a sua rede de arame e sobre tudo isto um campanário com um sino que hoje serve em Bencatel.

Mais vistoso era o lado direito que dizia para o Rossio, mostrando no centro a porta lateral e a da sacristia junto à aldeia do Meio.

A Igreja por dentro era caiada, exceptuando a capela-mor, e tinha simples mente um rodapé de estuque pintado. A maior parte do pavimento era estradado e o resto, para a porta principal, tinha campas de lájea. O púlpito, fe \underline{i} to de madeira, estava logo acima da porta lateral.

A imagem de S. Sebastião tem a singular distinção de ser de mármore e de uns quatro palmos de altura, mostrando-se ligado a um tronco e recebendo tiros de seta para morrer, como militar, com as armas de guerra. Por se achar nu, cobrindo-lhe apenas um véu as partes genitais, deu azo a um ditado chulo para significar pobreza ou carência de meios quando afirmamos de qualquer: Fulano tem tanto de seu como San' Sebastião tem calções!

Este santo e o seu companheiro Santo Amaro foram levados para o Colégio, assim como a Senhora da Saúde, quando para lá se mudou a Freguesia de S. Bartolomeu. Porém Santa Catarina ficou na Igreja do Espírito Santo até agora.

CAPITULO XX

Igreja de Santo António de Lisboa

Tinha o Duque de Bragança de costume cavalgar e correr em público com toda a Fidalguia... em dia de Santo António por ser da Nação Portuguesa, a quem fazia assinaladas festas.

(Calado - Valeroso Lucideno)

T

Vê-se a Igreja do Taumaturgo Português na rua que dele houve posteriormente o nome de Santo António e tem diante um pequeno adro ou terreiro.

Quem olha para o seu frontispício e topa no meio dele o escudo das Armas Reais dos Braganças, sabe logo dizer que ela é obra dos Duques desta família a partir do quarto que foi o primeiro a usar as Armas Reais. Mas os meus leitores já viram no precedente capítulo XVIII nomear o Duque D. João I como fundador deste templo e isto parece-me exacto porque, não existindo ele em tempo de D. Teodósio I como vimos na crónica do convento da Esperança e existindo já no tempo de D. Teodósio II como referem Calado, Morais e Cadornega, seque-se que foi fabricado pelo pai do último ou D. João I.

A estas reflexões junte-se a consideração da forma da arquitectura inteiramente igual no interior à da Igreja do Espírito Santo, semelhante à de S. João do Carrascal em ter duas janelas de grades de ferro aos lados da porta; e por último compare-se a figura e o timbre dos sinos de Santo António e S. João e ficaremos logo cientes de que todas estas Igrejas são do tempo do Duque D. João I ou de 1564 a 1577 - época da infeliz expedição de Alcácer-Quibir que tantos desastres acarretou à Casa de Bragança e a todo o Reino.

Como se vê, a Igreja de Santo António foi edificada inteiramente à custa de D. João I, aliás não teria motivo para lhe pôr na fachada o brasão das suas Armas, e desde então até ao ano de 1834 sempre o coreto da Capela Ducal ou Real foi ali cantar as trezenas e festas de manhãe de tarde no dia 13 de Junho.

A arquitectura desta Igreja, como já observei, é inteiramente conforme à do Espfrito Santo só com a diferença de ser aquela mais pequena e constar de uma só capela: a maior.

A talha dourada e a tribuna da capela é obra feita pela sua confraria em 1706. Para se fazer a tribuna foi mister que o médico Manuel Durão Mexia ce desse uma tira do seu quintal; e porque as ditas casas que ficam da parte de cima da Igreja eram foreiras ao Santo em 2:400 réis, reduziu-lhe a confraria o foro a 1:800 réis, que ainda se conserva assim. Era então Juiz Lopo Vaz de Almeida. Foram precisos vinte palmos de comprido sobre nove emeio de largo para a tribuna, e dezasseis de comprido sobre sete de largo para as es cadas. Assim consta da escritura lavrada em 27 de Abril deste ano.

O coro com a sua janela comprida, a abóbada de laçarias e o azulejado das paredes, nada desdiz da Igreja da Misericórdia. No frontispício divergem os campanários por ser antigo o de Santo António e moderno o da Misericórdia co mo fabricado pelo Mestre Bonifácio da Eonseca Vidigal nos fins do século passado. Ainda no frontispício, além das duas janelas baixas, há outra diferença em Santo António que é ter uma portinha da parte do sul (a Igreja olha para o oriente) que servia para a família Ducal entrar para a tribuna da capela da parte do Evangelho como sucedia no Colégio e em S. Paulo.

No corpo da Igreja há unicamente da parte do Evangelho um púlpito redondo com balaústres de mármore branco.

Na capela havia outrora só três imagens de escultura, a saber: a do Orago, a de S. João Baptista e a de Santa Bárbara, todas três metidas em nichos de talha dourada. Porém desde o dia 25 de Dezembro de 1864, ano em que se começou a profanar a Igreja de S. Paulo, veneram-se ali mais as seguintes imagens: Nossa Senhora do Amparo, posta agora no nicho de Santo António e ficando-lhe este à sua direita; S. Crispim com a sua irmandade; S. José, bela imagem de escultura e segundo patrono da capela-mor do referido convento; e S. Paulo eremita, boa escultura de longas barbas e túnica de folhas de palmeira, que os frades tinham na capela do refeitório.

Esta Igreja foi filial da Matriz até ao último quartel do século passado, em que passou à jurisdicção dos Priores de S. Bartolomeu.

O Santo Português possui alguns bens que antigamente eram administrados por uma confraria própria e que hoje o são pela Junta de Paróquia. E tanto por isso como por não faltarem devotos a contribuir com as suas esmolas e fogaças, conserva-se a festa de manhã e de tarde com ladaínha de Nossa Senhora e Antífona, etc. do Santo, mas já não se faz desde 1856 (pouco mais ou menos) a trezena prévia.

Outrora o sermão da tarde era pago pela casa dos Silveiras.

Principiou nesta Igreja o culto de Nossa Senhora do Carmo, cuja confraria começou a florescer em 1748 dando alguns capitais a juro. E como se achasse com meios de ter capela particular e sumptuosa que podia edificar nesta Igreja, passou-se à Matriz do Castelo nos fins do século XVIII e ali fundou a sua bela capela de mármore junto à sacristia geral, que provavelmente já existia sem possuir padroeiro particular.

Ainda continuam as fogaças de "bouquets" ou ramalhetes de cravos que tão antigas são e continua da mesma sorte a devoção de darem azeite para a lâmpa da, de sorte que todo o ano se conserva acesa. Por isso mesmo há ali um sacristão ou andador que olha pelo asseio da Igreja e ajuda às missas votivas que não raras vezes se dizem de semana.

Tem esta Igreja a grande honra de servir de Matriz por muitos anos e por não menos de três vezes, como dito é, venerando-se ali duas vezes a imagem da Padroeira do Reino.

Acham-se ali algumas sepulturas com epitáfio e entre elas uma de Tomé Lopes Neto, falecido em 1578.

Também serviu para exercícios devotos de oração mental que ainda ali se fizeram no princípio deste século capitulados por Vicente Mouro, homem de profundos sentimentos religiosos.

Conserva-se o templo em bom estado prometendo muita duração logo que as Juntas de Paróquia tratem dele como devem.

Em 1880 a Junta de que era Presidente Joaquim José Fernandes, tesoureiro António das Neves Tarana, etc., fez-lhe os reparos de que necessitava.

CAPITULO XXI

Igreja de Santa Luzia

I

Por ser situada *intra muros*, passo já a dar notícia da Igreja de Santa Luzia, invocada entre nós como padroeira de moléstias de olhos.

Calado não a menciona, mas acha-se relacionada nos trabalhos de Morais e Cadornega que todavia nada nos disseram sobre a sua fundação podendo fazê-lo visto ser obra sua contemporânea ou quase.

A sua história, pois, reduzir-se-á a meras notícias de tradição da vila e da Casa dos Sousas, seus padroeiros. Consta que esta igrejinha foi fundada nos fins do século XVI pela Duquesa D. Catarina e que esta mesma a doara a Pedro de Sousa de Brito quando este herdara de seu tio Vicente de Sousa de Távora 2º a casa dos Morais do Alandroal, cuja cabeça era a herdade de Santa Luzia na Freguesia do Rosário, para que a dita Igreja servisse de capela aos Sousas em vez da Ermida do termo do Alandroal visto morarem defronte dela. E diz-se mais na casa dos Sousas que esta mercê lhe fizera D. Catarina por terem estado seus netos, mudando de ares, em casa de Pedro de Sousa quando padeceram das bexigas. Não há, porém, memória nenhuma escrita a este respeito. Do testamento do Dr. João Mendes de Vasconcelos, feito em 1548, e que se acha no tombo da Misericórdia, vejo que naquele ano já existia a dita er mida que provavelmente era uma do povo e por isso mesmo que não tinha padroeiro podia ser dada pela Câmara e pelo senhor da terra a uma família nobre e rica em circunstâncias de beneficiá-la, como aconteceu.

A posse antiga de vir todos os anos até 1834 o coreto da Capela Real fazer a festa de Santa Luzia em 13 de Dezembro confirma bastante a tradição sobredita de ser esta dada à Casa dos Sousas com beneplácito da Duquesa D. Catarina em nome do seu filho.

Convem notar que a Igreja de Santa Luzia desses tempos e dos seguintes até aos nossos, não só era a mais pequena de intra muros, mas até a mais pobrezinha. Sem cantarias nos portados principal e lateral, sem abóbada no corpo do templo mas com um simples tecto de madeira, nem soalho de qualquer espé-

cie no pavimento, sendo preciso juncá-lo para a festa de 13 de Dezembro com buinho das ribeiras, não parecia tal Igreja obra de uma Duquesa, nem capela particular de um Fidalgo.

Tomé de Sousa Menezes, 8º administrador da casa de Pedro de Sousa de Brito e nosso contemporâneo, foi quem reedificou aquele templozinho ficando bem decente; e melhor ficaria se já então houvesse entre nós alvenéus habilitados para fazerem as abobadilhas de gesso. Uma destas em vez do fasquiado que está substituindo o tecto de madeira, torná-lo-ia imensamente mais duradouro. Os altares foram reformados; o pavimento, ladrilhado; fabricou-se à entrada um pequeno coro; e para ter este mais luz converteu-se numa janela o óculo que dantes estava por cima da porta, como em S. Sebastião.

Realizaram-se estas obras no ano de 1858 e a Igreja foi benzida novamente a 6 de Dezembro para em 13 poder já ter lugar a festa do orago.

Tomé de Sousa, em memória desta reedificação, mandou pintar no tecto o seu brasão de armas.

ΙĨ

Descreve-se assim a Igreja da Virgem e Mártir Santa Luzia. No pequeno terreiro situado entre a antiga porta da vila e a bocada sueste da rua que teve o nome da mesma santa está a porta principal com uma janela envidraçada e um campanário por cima olhando para o poente e ficando-lhe ao sul a Igreja do Colégio, agora Paroquial de S. Bartolomeu, de que ela é filial.

Na capela-mor venera-se a imagem do orago e algumas outras e aí mesmo da parte do Evangelho fica a porta da sacristia.

No corpo da Igreja da mesma parte do Evangelho venera-se num altar Nossa Senhora da Estrela e no colateral correspondente S. Caetano, advogado da Divina Providência. Deste mesmo lado é a porta secundária e o púlpito do outro.

Concediam os Sousas sepulturas nesta Igreja e por isso mesmo havia um osseiro detrás da capela-mor que por ter nascidas algumas figueiras bravas, ser já inútil e desfear o alto da Praça foi destruído aí por 1850. A única festa celebrada ordinariamente nesta Igreja é a do seu orago a 13 de Dezembro. Promove-a o seu padroeiro que arrecada a título de subsídio as esmolas deitadas na bacia pelos devotos. Corre, porém, que estas sempre são inferiores ao custeio da festa que consta de missa cantada com sermão ao Evangelho.

Santa Luzia não possui bens ou rendimentos alguns além das esmolas sobreditas.

CAPITULO XXII

Capela de Nossa Senhora dos Remédios

In viis justitiae ambulo, in medio semitarum judicii; ut ditem diligentes me et thesauros eorum repleam.

(Prov. VIII, 20, 21)

Ī

Ao santuário de Nossa Senhora dos Remédios chamo antes capela do que templo ou igreja, apesar de ser maior do que a igreja do Paraíso visto que foi construída adrede para capela onde os presos da cadeia pública ouvissem missa da janela ou janelas altas da mesma cadeia que lhe ficava defronte, como tenho já dito noutro lugar.

Desejando escrever a história da fundação desta capela, consultei o Santuário Mariano de Frei Agostinho de Santa Maria; porém debalde porque nada lá se acha escrito a este respeito nem noutro qualquer autor achei as notícias que ambicionava.

Vê-se com os olhos e apalpa-se com as mãos que este santuário foi edifica do no vão que depois de 1375 ficou existindo à porta da Torre, entre a mesma porta e a torre Fernandina, com um passadiço por cima desde o adarve da mura lha de D. Dinis I até à porta da célebre torre, tão histórica pelo que dela conta o velho cronista Fernão Lopes como pelo relógio ali assente depois e partido em 1665 pelo Marquês de Caracena.

Com a fundação da capela neste lugar obstruíu-se a porta da Torre Fernandina (ou de Menagem ou do Caracena) e teve de abrir-se ao norte, logo ao pé, o arco a que chamamos *Porta dos Remédios*, também já histórica por se achar mencionada nos autores que têm escrito sobre a insurreição dos Calipolenses contra os Franceses em 19 de Junho de 1808.

Ali, pois, no vão sobredito construíu-se a capela de Nossa Senhora com o título dos Remédios como bálsamo para curar aos presos as chagas de alma, inspirando-lhes paciência, conforto e correcção sob o amparo da Santíssima Vir-

gem. Para que a Capela ficasse num plano igual ao da sala da cadeia sobre a enchovia, foi arquitectada na altura de uns três metros com um grande arco na frente, fechado por fora com gradaria de ferro e por dentro com portas de ma deira que se abrem e fecham. E para sua maior beleza exterior puseram - lhe por cima um grande painel de azulejos representando a Mãe do Céu a cobrir os aflitos e angustiados com o seu manto protector.

Em baixo, como devem já supôr os leitores, está uma pequena porta que ser ve tanto de dar acesso ao santuário por uma pequena escada como de porta da casa do sacristão, cuja residência, ainda que apertada, é ali por baixo da capela e não mais. A casa da entrada, uma cozinha e uma alcova são os compartimentos de que se compõe aquela residência. No entanto, quem chega ao fogão, fabricado na célebre porta da Torre, e é sabedor de história pátria, não pode olvidar a morte de Fernão Alvares Pereira e do seu escudeiro Vicente Esteves, ali esmagados com os barroqueiros que de cima lhes lançaram os soldados de Vasco Porcalho – aquele perjuro e traidor, indigno do nome de Português... e não menos o novo cativeiro do nosso patrício Alvaro Gonçalves Coitado.

O templozinho está dividido em duas partes, das quais a primeira é para o povo e a segunda, um pouco mais elevada e separada por balaústres de ferro, constituí a capela propriamente dita onde está no fundo o altar de talha dou rada com o Orago de escultura.

O tecto é de abóbada pintada e tem por cima ainda umas casas pelas quais se chega à porta da casa da Torre onde o nosso Alvaro Gonçalves soía dormir e onde esteve recluso pouco depois com sua mulher D. Mécia Pires e seus filhos por ordem do seu compadre e falso amigo o Comendador de Avis Vasco Porcalho. Daí para cima continuam as escadas pelo interior da Torre até ao cimo dela onde está o relógio do Concelho inaugurado no princípio do século XVII em tempo do Duque D. Teodósio II. Mas... deixemos isto que é profano e vamos ao religioso. As paredes da capela estão decoradas todas com azulejos distribuídos em quadros representando várias passagens da biografia da Santa Virgem e em tudo isto reconhecemos o cunho do século XVI. Pode ser, e decer to é mais provável, que as decorações interiores e exteriores da capela sejam mais modernas do que ela.

Quando, pois, seria ela fundada?

Não sei dizer. Apenas posso indicar que o foi quando se constituíu a Praça chamada hoje velha e se construíu a cadeia pública da mesma Praça, etc.; sobre o que não há clarezas, supondo apenas que isto datará do tempo de D.

Jaime ou princípios do século XVI.

A noticia mais antiga respeitante a esta Igreja e por mim achada até agora é a do testamento de Gaspar Fernandes, escrivão das sisas, falecido em 1600, o qual mandou que na ocasião de passar o seu enterro para a Igreja de Santa Maria do Castelo estivessem duas velas acesas à imagem da Senhora dos Remédios. (Tombo 1º da Misericórdia).

II

Com o tempo cresceu a devoção à Virgem Mãe dos Remédios e quiseram os Calipolenses fazer-lhe a sua festa, razão por que foi mister fabricar alina muralha de D. Dinis um púlpito com bacia de mármore e balaústres de ferro para os sermões.

Mais. Houve quem deixasse à Senhora o prédio de casas da rua de António Homem, que é o primeiro à mão direita de quem entra nela pela Praça Nova e onde os gerentes da sua confraria mandaram pôr uma lápide (coisa singular entre nós) com a designação do senhorio do mesmo prédio que posteriormente foi aforado em 8\$000 réis, etc. Com este rendimento (e não sei se mais algum ou tro além de esmolas) fazia sempre o Pároco da Matriz com o seu clero uma festa à Senhora dos Remédios num domingo de Outubro até que, mandando o Governo Liberal constituír as Juntas de Paróquia, a da Matriz chamou a si os bens desta capela com o fundamento de não ter confraria legalmente erecta. E porque as Juntas mencionadas careceram de pagar a um secretário, etc., houveram por bem gastar o dinheiro da Senhora noutras despesas profanas.

No ano de 1875 renovou-se a festa e continuou por alguns anos, sendo promovida por um grupo de jovens que tiveram a devoção de solicitar esmolas para tal fim, mas não deverá durar por muito tempo visto que o povo de hoje é pobre, carregado de tributos, e custeando muitas outras festividades com os seus subsídios e esmolas.

Nos séculos XVII e XVIII safa da Capela dos Remédios, ao anoitecer, uma procissão do Terço do Rosário e ainda lá restam alguns utensílios desta procissão, como disse noutro lugar: é uma bandeira com o Santíssimo Sacramento no anverso e Nossa Senhora do Rosário no reverso; dois cereais ou candela bros e uma cruz com o seu Cristo de tábua. Tudo está suspenso em escápulas e bem conservado.

CAPITULO XXIII

Capelas dos Passos do Redentor

D.Teodósio II sahia por a quaresma a correr os santos Passos... descalço e vestido todo de luto com opa de rabo, o qual levavam três ou quatro Moços da Câmara.

(Calado - Valeroso Lucideno)

Ι

Da epígrafe, que deixo colocada atrás, se vê que as capelas dos Passos de Cristo já existiam no princípio do século XVII e parece-me provável que o mes mo Duque D. Teodósio II foi quem ajudou a respectiva irmandade nesta despesa.

E bem pode ser que tivessem ainda princípio no século antecedente visto que a Cruz do Santo Lenho, que serve na procissão dos Passos, tem a data de 1598.

Serviam tais capelas tanto para estações da procissão dos Passos no domin go segundo da quaresma como para exercício devoto de particulares que os percorriam descalços nas sextas-feiras da mesma quaresma, como dedicadas particularmente a festas comemorativas da Paixão do Redentor: razão por que se abriam sempre nesses dias quase até ao nosso tempo e se abrem ainda nalgumas outras vilas e cidades.

Não foram porém estas capelas feitas logo com o frontispício de mármore como hoje estão: esse melhoramento é do meio do século XVIII. De uma escritura de 16 de Março de 1741 consta o contrato da confraria com Bento da Silva e Filipe Marques, canteiros desta vila, e Simão Pereira, de Borba, para estes fabricarem duas capelas de mármore tendo por modelo a do Adro (Praça) que já estava feita mas tendo mais um quarto na aduela no arco, pelo preço de 190\$000 réis.

Essa capela da Praça fôra arranjada com esmolas solicitadas por Domingos Lopes Tarana e por isso a irmandade concedeu-lhe ali o direito de sepultura. Esta capela teve até paramentos com que depois se dizia missa aos presos da cadeia. Já pois consta a reedificação de três capelas e as outras duas foram igualmente melhoradas pouco depois.

H

As nossas capelas dos Passos foram erigidas em ordem a saír a procissão do Convento da Piedade ou dos Capuchos, extra-muros, para onde era levada a imagem da Graça na véspera, o que se observou até ao ano de 1806 em que, achando-se presente nesta vila o Príncipe Regente D. João, aconselhou que se fizesse antes o Pretório no convento da Esperança embora ficassem os Capuchinhos com direito a recitarem os dois sermões e receberem as propinas do costume que eram peixe fresco e não sei que mais. Esta lembrança foi apoiada universalmente visto a má situação das estradas para o convento dos Capuchos tanto na ida como na volta da imagem principalmente quando a quadra era chuvosa; e não menos razoável julgaram todos esta alteração pelo motivo de só encurtar e não alterar a ordem dos Passos.

São cinco as capelas em questão visto comemorar-se o primeiro Passo nos Capuchos ou na Esperança e o último em Santo Agostinho. A primeira capela, pois, foi construída no Rossio junto à rua de Cambaia; a segunda na rua de António Homem; a terceira no antigo adro de S. Bartolomeu junto à Igreja do Espírito Santo; a quarta no meio da Corredoura ao cabo do Convento da Santa Cruz; e a quinta no Largo da Assaboaria.

Todos os pórticos destas pequenas capelas são vastos e formados com cantarias lavradas; as paredes interiores têm painéis de azulejos análogos ao Passo respectivo e os tectos são pintados a fresco. No fundo sobre o altar há um quadro a óleo já deteriorado e que reclama sucessor.

O Passo da Praça Nova ou Adro de S. Bartolomeu, por ficar fronteiro à cadeia moderna, serviu nalgum tempo de capela para se dizer missa aos presos ; e nos meus dias conheci ali um caixão em que estavam os paramentos e se revestia o sacerdote.

CAPITULO XXIV

Ermida de S. Tiago Maior

No dia de S.Thiayo mandava o Duque de Bragan ça arvorar em seu Castelo muitas bandeiras e estandartes de guerra; e em uma grande oliveira que está junto à porta principal da Igreja de S.Thiayo mandava pôr sua bandeira com as Armas de Portugal; e alli despois de fazer oração ao Santo Apóstolo, subia a cavallo, corria e mandava fazer sua festa de cavallo.

(Calado - Valeroso Lucideno)

Τ

Passando agora a fazer a descrição das Igrejas e Ermidas situadas extr<u>a</u>-muros da segunda cerca feita pelos Duques de Bragança, demos o primeiro lugar ao rossio do Outeiro do Ficalho onde nos resta mencionar as Igrejas de S. Tiago e de S. Luís.

Começando pela primeira, direi aos meus leitores que a sua história já ficou escrita na Primeira Parte, capítulos V e XVI, e nesta Segunda, capítulo XVII. Resume-se assim. A Igreja de S. Tiago está edificada no assento do templo romano de Proserpina, fundado pelo Pretor Lúcio Múmio no ano 151 antes de Cristo por ter caído morto ali mesmo o patriota Lusitano Cesaron, rebelado contra o domínio dos Romanos. Crê-se com fundamento que os Mouros ar ranjaram ali mesquita para o seu culto e finalmente sabe-se com certeza que depois da conquista de Vila Viçosa pelos Portugueses erigiram na mesma a Paróquia primeira ou Matriz. Que tempo durasse ali a Matriz, não se sabe com precisão e apenas vagamente podemos asseverar que funcionou até se fundar a Matriz do Castelo.

Transferida assim a Paróquia para dentro dos muros, passou a Igreja do Apóstolo das Espanhas à condição de filial da Matriz do Castelo e de Ermida por ficar extra-muros da povoação.

No entanto os Calipolenses cuidaram sempre de a conservar visto ser o nos so templo mais antigo. Fazia-se a festa do Orago com pompa a 25 de Julho e os Duques de Bragança animavam aquela devoção com o seu exemplo, concorrendo a fazer ali a sua oração com aparato de luzido cortejo de cavaleiros fidalgos e fazendo em seguida o seu divertimento de cavalhadas.

Conservou-se à direita do templo um eremitério onde residisse pessoa capaz de velar pelo asseio e conservação dele e estabeleceu-se que a primeira procissão das Ladaínhas de Maio saísse da Matriz para a vetusta Ermida. A este último respeito recordarei que da Vereação de 29 de Julho de 1767 consta haver a Câmara concordado com o clero em substituir-se aquela primeira procissão por outra dirigida a S. João do Carrascal enquanto se não reedificas-se a Egreja de San'Timpo que amençava ruína. E porque o Prior da Matriz resolveu no dito ano celebrar a festa do Santo Apóstolo na sua mesma Igreja, deliberaram os Vereadores que de futuro continuasse o costume de ir lá a primeira Ladaínha: o que rescende a pirraça...

Citei este facto para podermos calcular o tempo em que desabou o corpo da Igreja em questão e ficou ela reduzida à Capela-mor. Já se vê que isto veio a suceder depois de 1770.

O dito corpo da Igreja era coberto de tabuado. Caíndo, pois, deliberaram convertê-lo em vestíbulo ou cemitério restringindo o templo só à Capela-mor que era de abóbada. Cerraram o arco pondo-lhe no meio uma larga portada e colocaram-lhe por cima a campana suspensa em ferros. No vestíbulo plantaram parreiras, árvores frutíferas e canteiros de flores, etc. e assim ficou a $\underline{\rm Er}$ mida até aos nossos dias.

Como não tinha bens ou rendimentos alguns, interrompeu-se o culto de S. Tiago Maior por vezes. Assim era em 1833 quando um soldado infante chamado António Joaquim Burro, assistindo no cerco do Porto ao reconhecimento comandado pelo Marechal Bourmont no dia 25 de Julho, fez voto de restaurar a festa do Santo Apóstolo se tornasse para Vila Viçosa com vida e saúde. E cumpriu a sua promessa. Com as fogaças dos hortelões vizinhos e as esmolas de mordomia que ele arranjou, todos os anos até à sua morte se fez a missa can-

tada pela manhã, o sermão à tarde com a ladaínha Lauretana e a comemoração de S. Tiago, seguindo-se a "vaquinha" corrida presa a um calabre para divertimento do povo como ainda se pratica na festa de S. Luís.

Depois da morte de António Joaquim Burro, falecido af por 1860 (se bem me recordo), faltou zelador que o substituísse na sua devoção. A Igreja estava abandonada e quase profanada pelo próprio ermitão, mas a Providência lá despertou meia dúzia de mancebos bem morigerados a quem por isso mesmo alcunhavam os mordazes de *Companhia Jesuítica*. Estes promoveram uma subscrição na vila com cujo produto fizeram portas novas para o templo e realizaram os mais reparos que eram de urgência, restabelecendo a festa de S. Tiago no ano de 1869. É verdade que esfriaram ao cabo de dois ou três anos, mas os melhoramentos materiais lá ficaram.

Depois disso piorou a situação da Ermida porque o Governo Central pôs o eremitério em arrematação... e um vizinho comprou-o em 25 de Outubro de 1875. Já se vê, pois, que falta hoje quem olhe pelo asseio e conservação do templo vetusto.

III

O estado actual desta Igreja suburbana é o seguinte.

O frontispício reduz-se a um pórtico ogival de mármore com a sua cancela para o vestíbulo ou jardim formado no corpo do templo e que ainda em 1833 serviu de cemitério. Olha para o poente.

A mão direita está um muro virado para o norte com um poial em baixo para descanso dos visitantes, sobre o qual se vê a lápide com a inscrição Cristã Regi saeculorum, etc. que deixei copiada no capítulo V da Parte Primeira.

No vestíbulo ajardinado merece analisar-se à mão direita, metida na parede, uma pia de água benta, grande e mal obrada, quase capaz de servir de pia baptismal: o que é outra prova certa da prisca origem deste santuário.

A Igreja restante, como já observei, está restringida à antiga capela -mor que é um corpo quadrado com a sua cúpula redonda, à Romana, inteiramente semelhante à da Igreja da Esperança, o que revela ser reedificação do meio do século XVI. Está bem conservada e promete duração, mas não tem azulejos nem mármores.

Encontra-se improvisado à mão esquerda um púlpito de madeira e à direita está a porta da sacristia que goza de pouca luz por ser contorneada por um prédio contíguo e não tem abóbada no tecto, mas um simples tabicado.

O altar tem um bom quadro a óleo representando o Santo Apóstolo montado num soberbo cavalo e empunhando uma tríplice espada como creram os antigos que ele aparecera na batalha de Clavijo em Espanha contra os Mouros. E sobre a banqueta estão as esculturas de S. Lázaro e Santa Cecília, virgem e mártir. Do primeiro já os leitores sabem que tivera Ermida própria no cômoro do convento dos Capuchos e ainda a horta, situada ao sul deste, recorda o seu nome intitulando-se Horta de S. Lázaro.

O pequeno chão que acompanha a Ermida pelo poente e norte e que servia de quinchoso ou quintal do ermitão foi desamortizado juntamente com a residên - cia dele.

Desejando sempre ser bem explícito, acrescentarei por fim que a oliveira grande que germinava à porta "principal" não chegou aos nossos tempos; e também que a designação de "porta principal" dada pelo Paulista ao pórtico da ogiva não acusa já a existência da porta interior, mas sim de uma porta lateral que foi tapada e era do estilo naquela época.

CAPITULO XXV

Ermida de S. Luís

A terceira (Igreja do Outeiro do Ficalho é) de S. Luís na entrada da horta do Gouveia. (Calado - Valeroso Lucideno)

Ţ

A S. Luís, Rei de França, é dedicada a outra Ermida do Outeiro do Ficalho de que vou tratar e que fica fronteira à de S. Tiago bordando o dito rossio pelo norte.

Morais, Calado e Cadornega não se ocuparam em dar-nos a história da sua fundação, nem ao menos em fazerem uma descrição exacta do material dela, assim como das outras, conforme o seu costume de serem antes panegiristas do que historiadores ou topógrafos.

Felizmente, quanto a esta Igrejinha, apalpa-se pouco mais ou menos a sua origem. A sua estrutura em terreno da horta de António de Gouveia chamada agora de S. Luis, à beira dela e do rossio público mas com serventia de uma porta lateral para o pátio da mesma horta, revela intuitivamente que no seu princípio foi Igreja ou Capela de domínio particular do senhor daquele prédio ou quinta. O fundador, pois, da Ermida de S. Luís foi o dito António de Gouveia que já vivia na nossa terra no ano de 1540, sendo Secretário do Duque D. Teodósio I, e fez daquela horta a sua quinta de recreio. Logo, foi edificada cerca do meio do século XVI.

Aquela horta (e não sei que mais) foi vinculada num prazo possuído ultima mente, ou sempre talvez, pela Casa de Bragança. E como esta só pretende haver dali os rendimentos do prédio rústico, abandonou há muito o senhorio da Ermida considerando-se por isso hoje do domínio público.

Só a Ermida de Nossa Senhora do Paraíso é inferior a esta em capacidade: todas as outras são maiores e por vezes muito maiores.

O frontispício contudo não deixa de ser gracioso, apesar de ter simples - mente um pequeno pórtico de mármore com cimalha e um campanário por cima.

Dentro, à mão esquerda, está a porta para o pátio da horta e lagar de azeite; à direita, o púlpito e logo em seguida a porta da sacristia. Estaé mui to alegre por ter uma ampla janela para o largo público a parelhas do frontispício da Igreja e recebendo o sol do meio-dia.

No fundo a capela única mostra no centro numa escultura o Santo Rei dos Franceses, Luís IX, acompanhando-o à direita S. Tomás de Aquino posto numa peanha.

O tecto do templozinho é de abóbada, mas sem pinturas e as paredes nunca tiveram revestimento de azulejos: contudo acha-se bem conservado todo o edifício e até foi renovado nos nossos dias o altar e o seu retóbulo de estuque pintado. O pavimento é de ladrilho.

Há erecta ali uma confraria e, como S. Luís é invocado entre nós como advogado contra as doenças das cavalgaduras, não faltam com as suas esmolas os almocreves e lavradores, assim como os hortelões vizinhos com as suas fogaças de frutas na festa anual que sempre tem lugar no domingo primeiro de Setembro. Por isso não só se custeia a missa cantada pela manhã, o sermão de tarde com a Ladaínha Lauretana e a comemoração do Santo, a "vaquinha" e o toque de uma filarmónica no arraial, mas tem sobrado sempre alguma receita para um ofício pelos irmãos defuntos e se fazerem alguns melhoramentos no material do edifício.

Cerca do ano de 1825, sendo meu avô materno José Dias Pereira tesoureiro e zelador da confraria, acrescentou ele por baixo da sacristia uma casa ou bazar para se venderem as fogaças e isto porque aconteceu num ano arremeter a "vaquinha" contra a mesa das fogaças e emborcar tudo com a corda que a prendia, vendo-se ele obrigado também a saltar o muro da horta.

E aqui advirto já que apesar de se chamar "vaquinha" ao boi toureado à corda, quase sempre é um novilho de dois ou três anos e macho.

Aí por 1858 formou-se uma varanda sobre a sacristia para a Juíza, Escrivã e Tesoureira com mais algumas fêmeas dos gerentes da Irmandade assistirem da li à vaquinha.

Este divertimento, assim como outrora o de S. Tiago, é o único dos Circenses dos nossos avós. Homens e mulheres com abastança e sobretudo os rapazes novos não faltam à vaquinha de S. Luís. Os mais pimpões fazem-lhe sortes com lenços ou cintas encarnadas ou com as jalecas e outras vezes combinam-se para lhe fazer pegas. Agora arremete a vaquinha contra um grupo de homens estacionados no rossio; logo de propósito afrouxam os pegantes o calabre para pôr em alarme um rancho de mulheres que imprudentemente atravessam o largo; depois vai investir com os que estão sentados pelos muros das hortas e assim folgam uns enquanto outros se assustam. Felizmente nos meus dias nunca se deu o caso de morrer ninguém ou ficar aleijado pela vaquinha porque os pegantes da corda se pressentem algum desastre impedem-no puxando por ela. Algumas vezes sucede voltar-se a vaquinha contra os que lhe seguram a comprida corda, mas antes que ela se evada correm outros a pegar novamente na prisão.

Na casa das fogaças distribuem-se bolinhos redondos e chatos semelhantes à moderna bolacha a quem entrega fogaça ou boa esmola em dinheiro.

Outros arrematam fogaças de frutos, frangos, etc. que os rapazes apregoam em alta voz e assim se diverte o povo sem ofensa da moral pública.

CAPITULO XXVI

Ermida de S. João Baptista

O qual tem a sua Igreja no meio de uma larga e alegre campina pegada com as casas da vila em distância de um tiro de espingarda, chamada o Carrascal.

(Calado - Valeroso Lucideno)

I

Cursavam pouco os tiros de espingarda na primeira metade do século XVII e é por isso necessário reduzir a um tiro de pistola de hoje ou de um revólver a distância que Frei Manuel Calado marca entre a Ermida de S. João Baptista e as casarias da vila, ou antes, da antiga porta de Santa Luzia, pois actual mente os quintais da rua deste nome acham-se dilatados para fora dos muros. E até àquém da cerca dos Padres da Companhia está já um prédio edificado nos nossos dias pelo General de Divisão José Júlio do Amaral, sendo Coronel de Cavalaria nº 3.

Esta Igreja, como insinuei noutro lugar, é obra do tempo do Duque D. João I ou de sua mulher D. Catarina para obsequiar o santo do nome do seu marido, o que vem a ser quase a mesma coisa. Por outras palavras: é fundação do 4º quartel do século XVI, protegida pelos Braganças.

Quem nos podía explicar isto muito bem era Calado que o sabia e melhor ainda Morais que a viu edificar.

Já disse atrás quanta semelhança tem esta Ermida com a Igreja de Santo $A\underline{n}$ tónio, obra do Duque D. João I, no que respeita às duas janelas do frontisp<u>í</u> cio, à disposição dos campanários e até à figura e som dos sinos.

Calado contentou-se em resenhá-la na sua descrição acrescentando "que no dia 24 de Junho sahia o Duque (D.Theodósio II)a cavallo pela manhã ao romper da alva e ia ouvir missa na Egreja de San'João, cantada com grande solenidade e depois de a ouvir corria uma carreira à porta do Santo Baptista, e todos os Fidalgos com ele adornados de curiosas librés e ricas vestiduras, e se torna

va para os seus Paços; e pela tarde mandava correr jogo de canas com grande aparato no seu Terreiro do Paço " $^{(1)}$ ".

H

A Ermida de S. João Baptista é situada na metade superior ou setentrional do campo ou rossio do Carrascal e perto da estrada de Bencatel: não no centro do dito campo, mas sim mais próxima da vila que dos coutos.

Tem perto, ao ocidente, a fonte e chafariz de bestas de que tratarei noutro lugar.

Assim como taxei de singular a forma da Matriz, taxo da mesma sorte a de<u>s</u> ta Ermida.

E uma cruzinha de Malta, cujo tronco e braços têm iguais dimensões. No pé do tronco, virado para o sul, está o pórtico de mármore com cimalha da mesma pedra e o campanário por cima sem embeirado por se encaminharem as águas todas a dois canos de cantaria que estão aos lados. Mais atrás, nas faces dos braços, acham-se as duas janelas de grades de ferro com cimalhas de cantaria, já mencionadas.

Sobre o cruzeiro forma a abóbada uma cúpula redonda embelezada com a sua lanterna pequenina octogonal e sem frestas ou janelas (hoje pelo menos), o que lhe dá muito realce. Essa cúpula tem telhado à mourisca, isto é, fabricado com pequenas telhas de barro vidrado encaliçadas na mesma cúpula à maneira de escamas. E um telhado tão sólido que já viu escoarem-se três séculos sem que o destruíssem.

Detrás do braço direito do cruzeiro fica a sacristia com a sua porta e de grau para o poente. E lugar ali de soalheiro para os velhos nas tardes amenas da estação brumal; e do lado oposto está a residência do ermitão, já posta em praça pelo Governo Central para ser desamortizada e que o não foi ainda por falta de comprador. Acresce agora aí a estação municipal para a cobrança do terrado sobre as cavalgaduras, construída em 1879. Antes de 1850 havia mais um quinchoso com figueiras e outras árvores frutíferas, cercado com sebe de sabugueiros, e que a Câmara mandou desfazer por tirar formo sura à Ermida e ao Campo do Carrascal.

⁽¹⁾ Valeroso Lucideno, págs. 94 e seguintes.

A casa do ermitão deixa ver sobre a porta uma lápide com legenda que diz: "Esta obra mandaram fazer os irmãos da via sacra e devotos este ano de 1726 ". Revela isto que a Via Sacra do Carrascal saía daquela Ermida até S. José onde estava o Calvário e que o eremitério foi fundado para conservação das $cr\underline{u}$ zes que estão reduzidas a duas.

Pela descrição que tenho feito da forma exterior desta Igreja revela-sejá a sua forma interior. No fundo é o altar-mor em que se venera o Santo Precursor de Cristo e nos braços em frente das janelas estão, da parte do Evangelho, um Calvário com Cristo crucificado, Nossa Senhora e S. João Evangelis ta, e da outra, Nossa Senhora da Fonte Santa. São três, portanto, os altares. A mão direita, quando se entra, fica um púlpito à esquina apoiado um pouco sobre a campa marmórea branca de Henrique de Sousa.

III

Nunca ouvi que esta Ermida tivesse rendimentos alguns além das esmolas dos fiéis.

Contudo, não deixou ainda de se fazer a festa do Santo Precursor de Cristo em 24 de Junho, sendo, como é em toda a parte, uma festa não só religiosa mas também popular. Algumas vezes tem tido novena prévia e sempre no dia 23 à noite se reune em frente da Igreja um numeroso arraial preparando-se com tempo arcos de verdura, coreto para a música, fogueira de alecrim e foguetório, lanternas, balões de cores, etc. A vizinhança da vila, a largueza do Carrascal e a fartura da fonte convidam a uma digressão nocturna em dias já calmosos. Os que, porém, apreciam mais estes festejos populares são os moços e moças casamenteiros que sempre estão sonhando com auspiciosos enlaces matrimoniais de que se diz ser advogado o Santo Baptista, não sei com que fun damento pois que o Grande Profeta foi solteiro toda a vida.

Canta-se missa por música no dia 24 de manhã e de tarde tem lugar o sermão com a Ladaínha Lauretana e comemoração do Santo festejado, o que é prática geralmente seguida entre nós em tais casos e portanto escuso de repeti-lo mais.

No tempo em que abundava o Clero havia missa na maior parte das ermidas chegadas à vila e ainda nos meus dias a houve aos domingos e dias santos pelas seis horas da manhã.

Ermida de S. José

Ι

No mesmo largo do Carrascal, para a parte do sul, fica a Igreja do Patriar ca S. José, cuja origem é desconhecida mas não pode negar-se que é pouco pos terior à fundação da Ermida antecedente. Vê-se isto do talho do pórtico e cimalha com o seu friso depois da verga transversal como está em S. João e na botica da Misericórdia, cujo portado é o do refeitório de S. Paulo. Com cer teza: a ermida de S. José foi edificada no último quartel do século XVII. Não a menciona Morais, nem Calado, mas sim Cadornega se bem lembrado estou.

Ignora-se quem fosse o seu fundador, o que muito bem nos poderia explicar o último referido.

A primeira referência que achei a esta Ermida foi uma escritura de 22 de Agosto de 1697 em que se trata da venda de uma tapada com oliveiras que está junto a S. José. Quer isto dizer que já a igreja funcionava, mas de fresca data. Segundo o meu parecer, é posterior à Guerra da Restauração, e talvez cerca de 1680.

A forma primitiva desta Ermida era assim. Estava exulada quase ao sul do Carrascal com a frente para este ou para o Rossio de S. Paulo, mostrando por cima o seu campanário. Tinha uma só capela no fundo com o seu retábulo, tal vez de talha dourada, e da parte da Epístola uma pequena sacristia. O tecto era de abóbada e o pavimento de ladrilho; o púlpito, de madeira sobre bacia de mármore, está da parte do Evangelho. As paredes são caiadas simplesmente. Nunca houve ali azulejos nem pinturas.

Não posso dizer se tinha eremitério ou residência de ermitão porque se construíu ali depois o Recolhimento de Beatas e não é já possível discernir se estava lá alguma casa de habitação.

O que era então esta Ermida é hoje ainda, salvas as alterações que notarei adiante e a mudança da porta para a ilharga esquerda. Em 1716 achava-se a Ermida com muita ruína e em termos de não poderem celebrar-se ali com decência os divinos ofícios. E por não ter padroeiro que cuidasse da sua conservação, quis a Câmara Municipal tomar posse dela e fazer-lhe os convenientes reparos. Isto deliberou ela em vereação de 15 de Abril.

Aquilo é que eram Vereadores! Se o Estado ainda hoje dá subsídios para o conserto de algumas Igrejas pelo Ministério das Obras Públicas, por que não hão-de as Municipalidades fazer outro tanto pelo cofre do Município? Se as Igrejas são do concelho e do concelho é também o dinheiro do cofre municipal, justo é que se gaste em obras de interesse comum da Igreja e do Município.

Não existe o livro das vereações de 1716; existe porém o de 1721 em cuja vereação de 12 de Fevereiro se encontra o termo seguinte:

"E logo na mesma vereação os sobredictos Juiz de Fora, Vereadores e Procurador do Concelho, por se ter tomado posse da Egreja de San'José que está extra-muros, por pertencer a este concelho e povo e se ter reedificado a dita Egreja no anno próximo passado e se achar a dita Egreja sem retábulo e incapaz de se celebrar n'ella os sanctos sacramentos, votaram e determinaram se fizesse um retábulo para a dita Egreja na forma do apontamento da planta que fica em poder de mim, escrivão, para que, havendo quem quizesse lançar na dita obra, viesse dar o seu lanço à Câmara para se haver de arrematar a quem por menos a fizesse; de que mandaram fazer este termo, etc".

Fez-se, com efeito, o retábulo de talha envernizada e é esse mesmo que lá existe ainda.

III

Na posse da Câmara continuava a Ermida quando em Janeiro de 1763 veio do Redondo a Irmã D. Violante Perpétua de Jesus Maria para fundar um Beatério em Vila Viçosa. Pediu à Câmara a Ermida, como fica declarado no lugar competente, com licença para edificar o Beatério em torno dela e talhar uma cerca su ficiente para recreação das Irmãs, o que tudo lhe foi concedido gratuitamen-

te. Mas não se pediram Provisões Régias de confirmação e portanto estas doa ções não ficaram legalizadas. Sucedendo, pois, serem os Beatérios abolidos pelo Marquês de Pombal em Dezembro de 1768, a Câmara resolveu tomar posse da Ermida com todas as benfeitorias em 24 de Janeiro de 1769, cujo auto deixei arquivado já na Primeira Parte. (1) Tudo isto, a meu ver, mirava antes a favorecer as Beatas do que a prejudicá-las.

A Câmara deu parte à Junta da Casa de Bragança de haver tomado posse do Beatério expondo-lhe as razões que para isso tinha e a dita Junta aprovou tal resolução em 8 de Julho. (2)

Ainda no mesmo ano de 1769 requereu D. Maria Próspera de Menezes à Câmara que lhe fosse aforado o Beatério e a Câmara pôs-lhe 7\$000 réis de foro, sendo isto autorizado pela Junta da Casa de Bragança em Provisão de 15 de Setembro. (3) Passado algum tempo D. Próspera vendeu o domínio útil à fundadora D. Violante Perpétua e esta foi para lá viver com duas companheiras, como particulares.

Chegado o ano de 1777 e a morte de El-Rei D. José, foi restaurado o Beatério pela Rainha D. Maria I e abolido o foro dos sete mil réis. Conseguindo porém do Príncipe Regente D. João o uso e habitação do Colégio da Companhia, foram as Beatas para lá em Janeiro de 1793 deixando a casa primitiva.

IV

Saindo as Beatas para o Colégio, resolveram converter o edifício em peque nas moradias rasteiras para alugarem a gente pobre em benefício das despesas do Recolhimento, o que tem durado até agora.

Mas o Governo Central já pôs em praça essas moradias para as desamortizar e se não o tem consequido é por falta de comprador.

Em 1838 foi escolhida a cerca para cemitério da Freguesia de S. Bartolo - meu e as Beatas consentiram nisso impondo à Junta de Paróquia o foro anual de 4\$800 réis.

Aí por 1860 desfez-se a imagem do Patriarca S. José, segundo me contaram. E por isso puseram na capela em seu lugar o Santo Cristo da capela do coro

⁽¹⁾ Cap. 85 no Tomo II.

⁽²⁾ Livro 5 dos Registos, f. 127 v.

⁽³⁾ Livro 5 dos Registos, f. 139 v.

de S. Paulo.

Tal é a história desta Ermida conforme a pude escrever.

Uma coisa notarei ainda e é que a edificação do Beatério de S. José veio a limitar de outra sorte os largos do Rossio e do Carrascal ficando sendo extremidade austral do segundo e ocidental do primeiro. Este assim alargou-se mais porquanto outrora não passava da esquina de S. Paulo e era todo "intra-muros".

Esta Ermida nunca possuíu bens ou rendimentos alguns e só teve festa o seu Orago em tempo do Padre Manuel dos Reis, sendo eu criança.

CAPITULO XXVIII

Igreja de Nossa Senhora da Lapa

Tu glória Jerusalem, tu laetitia Israel, tu honorificentia populi nostri.

(Cântico da Igreja)

Ι

A terceira Igreja do Carrascal é a de Nossa Senhora da Lapa, dos Milagres como lhe chama o compromisso da sua irmandade. E também o mais novo templo da nossa vila, assim como o mais formoso de todos pela beleza, elegância e boa execução do seu risco. Por isso mesmo não lhe quadra bem o título de Ermida se bem fosse edificada à beira dos olivais extra-muros.

Não encontrei ainda memórias impressas da sua fundação e apenas consegui esquadrinhar alguma coisa a tal respeito lendo o livro da erecção e estatutos da sua confraria e consultando a tradição dos antigos.

TI

Achava-se então missionando na nossa terra no ano de 1755 o Padre Angelo de Sequeira, Missionário Apostólico, o qual trazia na missão a imagem de Nossa Senhora da Lapa dos Milagres que, sendo muito da devoção dos Calipolenses, pediram-lha estes e ele doou-a com a condição de se lhe edificar um templo em que recebesse culto público. Associou ele à sua empresa como cooperadores o nosso patrício Padre Francisco José Martins e outros e assim trataram logo de erigir uma capela ou Ermida provisória para nela receber culto a Santíssima Virgem até se poder construír um condigno santuário. Mas antes de tudo impetraram uma Provisão do Arcebispo D. Frei Miguel de Távora que facultou a dita erecção com a cláusula de ser esta nova Igreja da sua jurisdição ordinária e

não do Padroado de Avis, nem por consequência filial da Freguesia Matriz da nossa vila, o que se cumpriu e teve o seu vigor até ao ano de 1834 presidindo ali aos actos do culto um capelão privativo de nomeação do Arcebispo de Evora.

Se pudéssemos encontrar cópia desta primeira Provisão Arcebispal já sabía mos o ano certo da construção da capela provisória e por conseguinte o da aparição da imagem, mas ainda não logrei esse intento.

Por uma segundo Provisão sabemos com certeza que a dita capela provisória estava já concluída no meio do ano de 1756 e posta com solenidade a primeira pedra da Igreja definitiva e actual.

O Padre Francisco José Martins, capelão da Capela Real, doou em 17 de Junho de 1756 10\$000 réis de capital que Manuel Gonçalves tomou a juro e decla ra na mesma escritura que o alferes João Roiz Tavares já capitalizara 70\$000 réis para o mesmo fim que era promover a fábrica da Igreja da Senhora que se pretende colocar nos coutos desta mesma vila. Esta doação consta da escritura de 7 de Julho do mesmo ano. Era um capital que lhe devia Francisco Vidigal. Manuel de Barros e sua mulher Maria Rosa doam em 10 de Março de 1760 à Senhora da Lapa sita no Carrascal 100\$000 réis que lhes devia Gaspar da Rosa Guião, morador em Reguengos, para que a irmandade cobrasse esta quantia.

No mesmo ano de 1756 tratou-se da erecção da Irmandade e no livro do compromisso escreveram como título: "Estatutos que se handem observar em a nova Irmandade que se pertende erigir da Mãe Santissima Senhora da Lapa dos Milagres de Villa Viçosa no citio do Carrascal, extramuros da mesma villa: De cuja Egreja he fundador o M. Rdº Padre Missionario e Pronotario aPostolico de Sua Santidade Angello de Sequeyra, com a devoção do Rdº Padre Francisco José Mis, Presbytero do Habito de S. Pedro e adejutorio de muytos devottos, com licença do Exmo. e Revmo. Senhor D. Frey Miguel de Tavora no anno de 1756 "

Foram os estatutos aprovados em Setembro e confirmados a 20 do dito mês pelo mesmo Arcebispo com a cláusula de ficar a irmandade sujeita à sua juris dição ordinária e não à do Pároco da Matriz. Para este efeito lavrou-se o termo de sujeição a 6 de Outubro próximo seguinte por mão do Notário Apostólico João Pereira de Loureiro. Não está assinado pelo fundador Angelo de Sequeira, mas pelo seu cooperador Padre Francisco José Martins e os seguintes gerentes da Irmandade: Padre Francisco Xavier da Rosa, Juiz, que o foi por muitos anos; Padre António Xavier de Sousa Henriques, Escrivão; João Rodrigues Tavares, Tesoureiro; Padre Francisco José Martins, Procurador Geral; Padre Francisco Lopes da Guerra; António Raimundo; Vital da Cruz; Francis

co Lopes de Torres; Luís da Costa Calado; Mateus da Costa Mendes; Manuel de Barros de Macedo; José António de Souto; João Lourenço Canhão; Aleixo Gomes Moreira; José Lopes; Paulo Rebelo de Figueiredo; Bartolomeu Fialho; Carlos Cardoso Moniz Castelo Branco; Padre Alexandre Martins Maio; Lopo Silveira; Luís Rebelo; Damião Velho de Carvalho; Padre Pedro de Matos Gaio e Sousa; João Francisco de Sousa Carvalho e Melo de Abreu; João Lopes Pinto da Palma; Diogo Francisco Lopes Misurado e Azevedo.

Creio que os últimos nove eram todos moradores em Borba, cujo povo se associou ao de Vila Viçosa nesta empresa.

Veja-se agora um documento importantíssimo que se acha trasladado em segu<u>i</u> da e que eu vou transcrever salvas as imensas abreviaturas de que está inçado:

"Treslado de huma Provisão de S. Exa. Revma, que o mesmo Sr. mandou registar n'este livro.

Dom Fr. Miguel de Távora, por mercê de Deus e da Sancta Sé Apostólica, Arcebispo Metropolitano d'Evora, do Conselho d'El-Rei Fidelíssimo, Meu Senhor, etc. Aos que esta Nossa Provisão virem, saude e pax para sempre em Jesus Christo, Nosso Senhor.

Fazemos saber que em sua petição por escripto nos enviaram dizer o Padre Angelo de Sequeira, Missionario Apostolico, ora residente em Villa Viçosa, e os Padres Antonio de Sousa e Silva e Francisco José Martins da mesma villa, que elles impetraram licença Nossa para se erigir uma Egreja, Capella ou Ermida com a invocação de Nossa Senhora da Lapa e n'ella se dizer missa para se satisfazer ao fervor e devoção dos fieis, que com muito zelo desejavam venerar a mesma Senhora debaxo daquelle titulo; e porquanto a dita Egreja, Capella ou Ermida, posto que grande, limpa e asseada, era para existir tão sómente emquanto se não fabricava outra maior e mais capaz, e com effeito para esta, que para o futuro ha de permanecer, lançaram já a primeira pedra, benta com licença Nossa, careciam agóra de nova licença para continuar o edifício, e nos pediam houvesse por bem conceder-lh'a. A qual petição, sendo por Nós vista, lhe deferimos mandando passar a presente Nossa Provisão, pela qual, auctoritate ordinaria, concedemos aos sobreditos Padres a licença que pedem para poderem continuar na fábrica da Egreja, Capella ou Ermida de Nossa Senhora da Lapa, que de novo pretendem erigir para permanecer para o futuro, fi cando a mesma in totum subordinada e immediatamente sugeita à nossa jurisdic ção ordinaria e dos Senhores Prelados d'este Arcebispado e totalmente izemta das Egrejas Paroquiaes da dita villa, como erecta et ab origine fundada por auctoridade nossa e de natureza Ecclesiástica; e como tal não poderá ser vi sitada senão por Nós ou pelos Senhores Prelados nossos successores e seus Re verendos Visitadores ordinarios; nem das cousas a ella pertencentes poderá tomar conhecimento outra qualquer pessôa, ministro ou official de justiça: pois como Ecclesiastica que he, fica sendo izemta e livre de outras quaesquer jurisdicções, e só à nossa inteiramente subordinada e sugeita. E para que de tudo possa constar em todo o tempo, esta se registará na nossa Câmara Ecclesiastica e no livro da fundação da referida Igreja, Capella ou Ermida. Dada em Evora sob nossos signal e sello aos quatro dias do mez de settembro de mil settecentos e cincoenta e seis annos. Fr. Miguel Arcebispo d'Evora.

Provisão de licença para nova erecção de segunda Egreja, etc ".

A vista destes documentos é coisa certa e assente ser o missionário Padre Angelo de Sequeira o principal promotor da fundação da Igreja da Senhora da Lapa. Item que os habitantes de Vila Viçosa e Borba correram com amaior par te das despesas como também apregoa a tradição. Item que no princípio de Se tembro de 1756 estava posta a primeira pedra da Igreja definitiva, bem como acabada inteiramente a provisória.

Parece-me, pois, que enquanto não aparecerem novos documentos devemos supôr que a dita Igreja ou Capela provisória foi construída em 1755-56 e que a aparição da imagem tivera lugar em Setembro de 1755 - época da festa ordinária da Senhora da Lapa.

III

Alcançam a esses anos as notícias orais. Contam os velhos que os fiéis concorriam de todas as terras do Alto Alentejo a visitar a Senhora Aparecida ou Senhora da Lapa, depositando algum dinheiro para se lhe construír uma casa própria. E dos de Borba referem que até os seus nobres Cardosos, Silveiras, Misurados, etc. vinham a miúdo trazer carregamentos de materiais e eles mesmos conduziam aos seus ombros feixes de ripa, cantando esta jaculatória com os mais devotos:

Bendita e louvada seja A Virgem Mãe da Lapa Que dos perigos nos defende E do mal nos aparta.

Já vêem, pois, os leitores que era impossível não contribuírem da mesma sorte e mais ainda os Calipolenses em cuja vila se propunha levar a cabo aque la sagrada empresa.

Assim foi. Manuel Diogo da Silveira Menezes, primeiro deste nome e representante da casa vincular dos Silveiras da nossa terra, deu parte do seu far ragéal para a construção da Igreja, hospedaria de romeiros e jardim; e a Câ mara e Povo cederam parte do campo do Carrascal para se lhes adicionar uma cerca de vinha ou quinta lucrativa em benefício da Senhora. Conta-se mais que, achando-se as obras paradas por falta de dinheiro, o advogado Bernardo Manuel Silveira, calipolense, morador na casa nobre da rua da Freira à esquina da travessa de Frei Inácio, mandara continuá-las por algum tempo à sua custa, o que ocasionou dizerem os operários: — Fulano é bom, é bom homem e não mau como se dizia. E chegando-lhe ao conhecimento este conceito, mandou gravar no escalão de mármore da sua casa este letreiro que ainda existe e continuará a existir: Só Deus sabe quem é bom. Isto foi antes do ano de 1766 em que ele se ausentou das ditas casas e as arrendou.

IV

Acrescentam as notícias de tradição dos velhos que a primeira pedra da Igreja definitiva e actual fôra posta com solenidade por um Bispo, metendo-se nela em cavidade própria um cofre com moedas do Monarca reinante D. José.

De facto: isto se fez no ano de 1756 e antes do mês de Setembro como se colige da Provisão atrás arquivada. E também do seu contrato se deduz que não fôra o próprio Arcebispo D. Frei Miguel de Távora que viera presidir à cerimónia, mas que dera comissão a outro Prelado.

Quem seria esse Prelado? O seu coadjutor e Vigário Geral D. Frei Jerónimo, Bispo de Tipassa?

Não é crível, mas sim que dera tal comissão ao Bispo de Tanger D. João da Silva Ferreira, Deão da Capela Real da nossa vila, que também se associou à Irmandade e cooperou nesta fundação. Encontra-se uma assinatura sua no Livro dos inventários da mesma Irmandade por baixo do auto feito em 24 de Setembro de 1758, sendo provavelmente Juiz da confraria, o que ali se não declara.

No 1º de Fevereiro de 1759 contratou a Irmandade com Gregório das Neves Leitão a feitura do retábulo de mármore branco, azul e vermelho da Capela-mor por 900\$000 réis, exceptuando o pavimento do presbítero e altar; e havia de dá-lo acabado num ano. Era Juiz o Bispo Deão e tesoureiro João Canhão. Depois fez Gregório sociedade com Francisco Miguel Cordeiro, Luís das Neves Leitão e João da Costa Torres, obrigando-se cada um a tomar somente 360 réis de jornal e repartirem no fim o que sobejasse dos 900\$000 réis.

Diz mais a tradição dos nossos avós que a obra da Igreja da Lapase prolongou por muitos anos porque se riscara previamente uma planta com ornatos primorosos e por isso mesmo todo o dinheiro era pouco, chegando a interromper —se os trabalhos de tempos a tempos.

Quem sabe se esta planta foi delineada pelo arquitecto das Obras Reais João Frederico Ludovici que há pouco planeara e dirigira as obras da capela-mor da Sé de Evora? Se não foi ele, foi então algum outro arquitecto hábil pois o risco fez-se e os confrades, apesar da constante falta de meios, não quiseram desviar-se da sua inteira execução.

Para que se veja que efectivamente a obra da Igreja actual levou muitos anos, arquivarei também o acórdão da Irmandade que se lê a folhas 5 do Livro que principiou a servir em 24 de Abril de 1768. (1)

"Aos 11 do mes de outubro de mil settecentos e settenta e oito, estando em Menza o Juis, Escrivão e Thesoureiro e mais Irmãos da Menza de Nossa Senhora da Lapa de Villa Viçosa, Acórdão os ditos Irmãos em que se contiuem as obras conforme o determinaram; e para constar fiz este termo, etc ".

E a folhas 6:

"Aos 25 dias do Mes de Março de 1781 estando em Menza o Juis, Escrivão e Thesoureiro e mais Irmãos da Menza de Nossa Senhora da Lapa extramuros de Villa Viçosa, etc. Acórdam que as obras que até agóra se acham acabadas, se com pletem de aprefeiçoar e por ora se demorem; e que d'aqui em deante os dinheiros que se ouverem de gastar, sejam todos aplicados para a Igreja acaban

⁽¹⁾ Os livros dos acordãos anteriores não existem já e eis a razão de não poder eu deixar esta história com a miudeza e precisão que devia ser. É isso efeito de andarem os livros por casa dos escrivães e da mania de se dizer: - Isto é velho, já não serve.

do de Dourar a Capella mayor e as duas menores, e ornando-as de tudo melhor, e mais asiado como merece a Caza de Deus; e para todo o tempo constar fiz este termo que todos asignamos, etc ".

Daqui se vê que no fim de vinte e cinco anos a Igreja estava, sim, feita, mas não completos os seus ornatos interiores. Aquelas douraduras de que reza o último acórdão foram executadas sobre os mármores segundo o gosto da épo ca, hoje reprovado. Calcula-se que o santuário com todos os seus anexos levou mais de trinta anos a acabar pela razão já dita da falta de meios para tão sumptuosa empresa.

Supõe-se que a Igreja actual foi fabricada sobre a provisória, ficando es ta dentro daquela e que a demora das obras não foi no tocante ao templo em si mesmo, porém quanto aos seus anexos e ornatos interiores e exteriores.

A cerca (hoje vendida) foi aforada à confraria em 1766 como consta da vereação de 22 de Novembro, cujo teor deixei arquivado na Primeira Parte. (1) Es ta cerca devia ter ficado com menos alguns metros de largura de forma que não se projectasse para o Carrascal, afastando-se da linha do frontispício da Igreja e do jardim que fica entre ambos.

O jardim é um quadrilátero contíguo ao templo da parte do sul ou do Evangelho; está ornado com buxo tosquiado e canteiros de flores nas faceiras, excepto na do fundo ou poente onde campeia o edifício da Hospedaria dos romeiros com a residência do ermitão em baixo; e no centro tem uma fonte de repuxo ornada também com guardas e bosque do mesmo arbusto. A água do repuxo é do aqueduto da fonte do Carrascal e deriva-se da Biquinha que já existia em 1732 e talvez muito antes e que foi aproveitada para este fim com licença da Junta da Casa de Bragança passada em 14 de Março de 1785 e que se acha registada na Câmara. (2) Consta de uma escritura de venda de olival à Biquinha comprado pelo Dr. Manuel de Faria Ribeiro.

O templo veio a ser ultimado todo aí por 1790.

⁽¹⁾ Cap. 84 no Tomo 2.

⁽²⁾ Livro 5, f. 275.

Resta-me descrever esse templo ou Igreja que é a mais moderna da nossa vi la e a mais bela, ainda que não a maior nem das maiores.

O frontispicio, virado para nascente ou casas da rua de Santa Luzia, é precedido por um adro raso de mármore branco projectado para o Carrascal com ponta boleada. Tem um soberbo pórtico de cantaria que se une à janela do coro e forma com ela um todo arquitectónico em que se admiram duas estátuas de Santos Mártires sentados sobre as colunatas do mesmo pórtico aos lados da $\underline{\mathbf{di}}$ ta janela.

Digo Santos Mártires porque ainda há pouco se lhes viam palmas de ferro na mão que têm levantada.

Que Santos representam? Não o ouvi dizer ainda. Analisando eu, não há muito, as duas estátuas, meteu-se-me na cabeça que eram dos santos mártires Proto e Jacinto, eunucos da Santa Virgem Eugénia, de quem a Igreja faz comemoração a 11 de Setembro; e isto por ver que não têm barbas e se assemelham algum tanto nas feições e no trajo. Podia muito bem ser que a aparição de Nossa Senhora da Lapa tivera lugar no dia natalício dos mencionados márti - res e que eles estejam ali para comemorar isso mesmo, pois o costume de festejar-se a Senhora em 8 de Setembro indica ter aparecido próximo deste dia.

Ora isto, como devem conhecer os leitores, são meras conjecturas minhas. Oh, quanto erraram os fundadores em não pôrem ali um letreiro em mármore com as datas da aparição da Senhora e da edificação da sua casa! Continuemos.

Além do pórtico e janela do coro, são de mármore os cunhais e cimalhas tanto do corpo da Igreja como das duas torres que se erguem aos lados. Estas são muito lindas com três sineiras cada uma e porta para a varanda situadaen tre ambas sobre o coro; têm pirâmides de mármore nos quatro ângulos das cúpulas e os seus cataventos em cruz sobre globos. No parapeito da varanda la jeada de cantarias campeia no centro uma cruz e duas pirâmides aos lados sobre os cunhais do corpo da Igreja. Há dois sinos na torre do norte e nenhum na do sul. E por esta que se sobre do coro à varanda por escadas de mármore com patamares em todos os ângulos e bastante luz por terem frestas guarnecidas de cantaria em vários pontos.

No corpo da Igreja não há capelas: uma via de lousas sepulcrais, quase todas ainda por servir, encaminham ao cruzeiro ficando aos lados os estrados de madeira para cómoda colocação dos fiéis do sexo feminino. As paredes são

caiadas e somente da parte do Evangelho se admira um púlpito de mosaico, isto é, de mármores branco, azul e vermelho, lavrado pelo gosto dos dois de Santo Agostinho, porém um pouco maior e de um desenho de melhor gosto, de sorte que é o mais belo que possuímos e por isso mesmo nunca se arma a sua tribuna com damascos ou veludos que iriam encobrir a sua formosura.

Um excelente cancelo de mármore branco emoldurado de azul separa o cruze<u>i</u> ro do corpo da Igreja. Tinha já passado o uso dos engradamentos ou balaustradas, posto que elegantes, e adoptara-se a forma de painel ou quadratura de centro branco lavrado e arrendado. Este é o melhor de todos os nossos.

O pavimento do cruzeiro está assoalhado com xadrezes azuis e brancos de cantaria. Ali se admiram dois altares aos lados da capela-mor, os quais não têm semelhante na nossa terra por serem delineados em forma de pavilhão e constarem de mármores azuis e brancos bem lavrados. Pena é que os quadros fossem pintados na madeira e não sobre tela. Vê-se no da parte do Evangelho o Nascimento do Redentor e no da Epístola a Adoração dos Reis Magos. Ao primeiro chamam também Altar de Nossa Senhora do Rosário por se venerar ali uma pequena imagem desta invocação e ao segundo chamam de S. Caetano por estar nele uma escultura do advogado da Divina Providência.

O altar-mor corresponde à sumptuosidade do templo e seu frontispicio nos ornatos de colunas azuis de mármore polido e painéis de mármore branco. Na primeira parte do retábulo central, acima da banqueta do altar, admira-seum gracioso presépio fechado com a sua vidraça; e no alto abre-se elegantemente o pórtico da tribuna, em cujo trono está a imagem do Orago, excepto quando ali se expõe o Santissimo Sacramento em cujo caso é removida para uma credência posta da parte do Evangelho no plano do presbítero.

Há duas portadas no chão da capela-mor: a da parte da Epístola é para a Casa dos Milagres ou do Despacho da Irmandade e a outra diz para a sacristia. O pavimento desta é também de xadrezes azuis e brancos de mármore; tem no meio um aparador quadrado com ângulos obtusos ou desfeitos, de mármore azul polido; e à mão esquerda topa-se um riquíssimo lavatório formado por dois golfinhos de caudas enroscadas e um registo ou torneira de bronze na boca de cada um sobre uma bela taça: tudo de mármore branco. Tem bons caixões de paramentos e um retábulo de madeira sobre eles em cujo centro está um Cristo. A sua mão direita vê-se um bom armário para utensílios. Em suma, é hoje a mais bela das sacristias das nossas Igrejas visto que a de S. Paulo, a mais formosa e rica de todas, acha-se destruída e realça-lhe muito a beleza o ter janela e porta para o jardim.

Em frente do adro da Igreja foi posta em 1850 uma cruz de mármore que sus tenta uma serpente e é comemorativa daquela que Moisés levantou no deserto para sararem os mordidos das serpentes e ao mesmo tempo figura típica de Cristo crucificado. Pena é que o pedestal destoe da cruz, sendo feito de alvenaria com pintura fingindo pedras.

Deve-se aquele melhoramento do adro no Coronel de Cavalaria n^2 3 José Júlio de Amaral que tirou a cruz sobredita da cerca dos Gracianos, onde estava aquartelado o Regimento, e a deu à Irmandade. Dizem que servia ali de cascata, sendo furada a haste e saíndo a água em dois fios pelas ventas da serpente. Esta foi colorida a óleo naquele tempo.

Conservam-se todos os edifícios em bom estado por terem sido reparadas as hospedarias em 1875 e a Igreja em 1877: tudo por meio de donativos particulares e dos produtos do bazar do último ano.

A cerca foi desamortizada por 480\$500 réis e substituídos estes por 1:100\$000 réis nominais de inscrições da Junta de Crédito Público com juro de 3% e este é o único rendimento que a Irmandade recebe além das quotas dos irmãos e esmolas espontâneamente oferecidas pelos fiéis.

VI

Tem Nossa Senhora da Lapa duas festas ordinárias em Setembro.

Em 8 é a da Casa com novena prévia, vésperas, arraial à noite com música, fogo e iluminação, exposição do Santíssimo de manhã e de tarde e algumas vezes procissão e bazar de prendas em benefício do culto de Nossa Senhora. Consta que em antigos tempos também corriam de tarde uma vaquinha.

Era esta festividade na minha infância a única de arraial na véspera com fogo e luminárias.

A outra festa é a dos romeiros de Evora Monte que chegam no domingo segun do de Setembro e fazem duas festas com sermão à segunda-feira: uma à Padroeira do Reino e outra a Nossa Senhora da Lapa.

Parece que no século passado eram mais os círios ou pendões que vinham das terras da circunvizinhança.

Os Mesários ainda hoje são eleitos entre os irmãos das duas vilas de Borba e Vila Viçosa.

CAPITULO XXIX

Ermida de S. Bento

Muita gente... sai da vila a tomar refresco ao contorno das Igrejas de S. Bento e S. Je rónymo, as quais estão logo pegadas aos muros da vila sobre dois outeiros matizados de várias boninas do campo com muitas oliveiras de um lado e do outro com cópia de pinheiros mui altos.

(Calado - Valeroso Lucideno)

I

Já ficam descritas as Ermidas do Outeiro do Ficalho e do Campo do Carrascal, rossios extra-muros da nossa vila, e portanto vamos dar notícia daquelas que se acham dispersas pelos coutos entre prédios de domínio particular.

Caberá agora o primeiro lugar à Ermida de S. Bento, já por ser tão chegada aos muros da vila da parte do norte, já porque na verdade é a maior e melhor de todas essas Ermidas.

TI

A primeira vez que na história encontro mencionada a Igreja de S. Bento é no ano de 1584 por ocasião de narrar a *História Genealógica* o facto de vir o Arquiduque Alberto visitar a Duquesa D. Catarina. Tendo-lhe sido preparada a hospedagem no palacete da Tapada, o Duque D. Teodósio II e seus irmãos o foram acompanhar até S. Bento de onde não passaram por instar com eles o seu hóspede para que tornassem para a vila.

Quando, pois, seria edificada esta Ermida?

Não posso dizê-lo porque me faltam documentos e apenas conjecturo ser obra ao menos daquele mesmo século XVI, assim como a maior parte das outras.

Assim mesmo, atendendo à vastidão do templo rural e à circunstância de vir a ter em torno de si o Forte que houve o título de S. Bento e era sem dúvida construção de D. Teodósio I ou de seu pai, não será desarrazoado conjecturar que a Ermida em questão é obra de algum desses Duques de Bragança.

O Forte foi demolido em 1663 por se julgar inútil (o que não guero questionar) e aproveitou-se a pedra das suas muralhas para as Obras Exteriores da Cidadela. (1) Contudo os aterros ficaram ainda tão altos que no princípio de<u>s</u> te século não podia ver-se a Igreja da porta do Nó. Foi em 1820 (pouco mais ou menos) que os soldados de Cavalaria nº 2 ali desbastaram esses aterros até ao ponto em que se acham com o fim de ir o seu Regimento cuvir missa nos dias de preceito na Ermida que tão perto lhes ficava do quartel, mas assim mesmo ainda a ladeira ficou bastante Ingreme.

Esta Ermida foi reedificada em 1701 a 1702 à custa do capitão Silvestre Mendes, que lá está sepultado, e do Padre Manuel Vieira, capelão da Capela Real, os quais contrataram com o alvenéu Francisco Fernandes fazer esta obra pela quantia de 360\$000 réis que eles deram. E foi então que a Ermida ficou tendo seis altares laterais. Consta isto de uma escritura que se lavrou nas Notas do tabelião Domingos Mendes do Couto em 7 de Abril de 1701.

III

No último quartel do século passado vivia entre nós o Padre António Luís Pereira Durão, chamado vulgarmente o Padre António Teso. (2) Foi Capelão da Real Capela e grande protector desta Ermida. Sucedendo ir à Igreja de S. Tiago um Visitador ordinário do Arcebispo de Evora e mandando enterrar, por velha e ca runchosa, uma imagem do Senhor Jesus do Bonfim, requereu ele que lha dessem para a mandar consertar. Fê-lo, com efeito; depois colocou-a num dos altares da Ermida em questão (3) e por sua morte instituíu no mesmo altar uma ca-

(1) Portugal Restaurado, Tomo 4, pág. 301.

O do meio da parte do Evangelho. A imagem representa Nosso

Jesus Cristo preso à coluna.

^{(2) 1778 - 1}º de Julho: O Padre António Luís Pereira Durão contrata com António Francisco Paínho, canteiro de Borba, fazer-lhe o retábulo de mármore da capela-mor por 280\$000 réis, sendo fiador seu irmão Sebas tião Paínho, sócio provavelmente nesta empreitada.

pela com os seus bens. Como, porém, vigoravam as leis Pombalinas, a capela foi denunciada por Caetano Alves em proveito de sua irmã D. Mariana Cecília de Araújo que casou com José da Rosa e Sousa e a possufu até falecer no ano de 1864. Passando então à Fazenda Nacional, foi vendida.

Todas as cantarias que se encontram na Ermida foram mandadas pôr pelo dito sacerdote (diz uma nota marginal do assento da sua posse do lugar de Capelão da Capela Real).

IV

A Ermida do instituidor do Monacato no Ocidente está virada para o pôr do sol como quase todas as Igrejas antigas e tem um alpendre arqueado e aberto junto da porta.

Ao norte acha-se encostada a residência do ermitão que ainda não foi vendida pelo Governo Central por falta de comprador.

Entrando-se no templo, vê-se logo à mão esquerda o púlpito com bacia de mármore e engradamento de ferro.

O seu tecto é pintado a fresco, assim como o de S. Domingos, contendo qua dros representativos da biografía do Orago e as paredes foram adornadas com florões no mesmo gosto que o do tecto.

No corpo da Igreja há três altares de cada banda que com o principal fazem a soma de sete, todos com retábulo de mármores,o que eleva o templo rural à categoria de Sé das nossas Ermidas. Na capela-mor da parte do Evangelho es tá a sacristia, comunicada com o eremitério ou residência do eremitão.

O pavimento é de xadrezes de cantaria brancos e azuis, vendo-se no meio deles, perto da capela-mor, a sepultura de Silvestre Mendes e seus herdeiros com a data de 1702 - data que da mesma sorte se acha insculpida no cimo do pórtico da ermida recordando (concerteza) um melhoramento efectuado pelo dito Silvestre Mendes que se ditara senhor de uma das Capelas chegadas à maio $\binom{1}{1}$

Ainda estava de pé nos nossos dias, na plataforma da parte do sul, um arco ou portal que era o princípio de uma estrada coberta que ligava o Forte de S. Bento com a Cidadela passando pela Carreira das Nogueiras.

Silvestre Mendes era um tabelião de notas que vivia na segunda metade do século XVII.

Nenhuns rendimentos possui esta Ermida; contudo sempre se tem feito a festa do Orago no domingo de Pentecostes ou na sua primeira oitava, havendo missa cantada de manhã e sermão de tarde. Estes cultos são promovidos por uma mordomia da qual o Juiz e a Juíza, além dos encargos ordinários, têmo de procurar quem lhes suceda no ano seguinte.

A pensão dos Juízes costuma ser a esmola do sermão e a das Juízas o pagarem a cera.

Com as anuidades dos mordomos, esmolas e fogaças dos mais devotos se custeia a festividade que é bastante concorrida por ter lugar nos dias formosos da primavera e desfrutarem-se lindos panoramas do cimo daquela verdejante e arejada colina.

Conta Cadornega que a Ermida de S. Bento era "frequentada e visitada de sua devoção, impetrando de sua intercessão graça de Deus para suas enfermida des, não havendo cristão que o não invoque contra qualquer bicho peçonhento "(1)

Depois disso até aos nossos dias continuou a mesma devoção costumando mui to os fiéis usar desta jaculatória:

S. Bento, S. Bento:
Livrai de bichos o meu aposento.

Esta Ermida acha-se em boa conservação e dá esperanças de continuar a durar por muitos anos.

⁽¹⁾ Descrição de Vila Viçosa.

CAPITULO XXX

Ermidas situadas na Capela Real

Vista a proximidade da Tapada Real, cuja porta primeira é no mesmo outeiro de S. Bento ao norte da Ermida atrás descrita, entremos no famoso parque e resenhemos as Ermidas que ali estão.

I

Ermida de S. Jerónimo

E uma capelinha redonda de alvenaria com o seu alpendre arqueado e aberto onde se vê o púlpito mirando ao poente e junto dela está o cubículo do anacoreta ou eremitão. Não tem mais do que a capela do Orago, o Doutor Máximo.

Nenhuma notícia encontrei ainda sobre a sua fundação, mas erê-se com fundamento que é obra dos Duques de Bragança, cujo era o pinhal da colina que ela está coroando. O mais provável é que fosse construída no princípio do século XVI por D. Jaime. A razão que me leva a crê-lo assim é ver que El-Rei D. Manuel tinha muita devoção ao Dr. S. Jerónimo por cujo motivo entregou a frades seus o Convento de Belém que ele edificara e destinara para seu jazigo, segundo Barros, Dec. I, L. 4, cap. 12. A devoção dos Reis influía nas devoções dos particulares e portanto não admira que seu sobrinho D. Jaime nisso o imitasse.

Até ao tempo de D. João V ficava fora da Tapada que este Rei puxou até ao outeiro de S. Bento.

Calado menciona-a, como atrás se viu, gabando os alterosos pinheiros que revestem a sua montanha. Porém Cadornega é mais explícito contando que os estudantes das escolas de Santo Agostinho iam frequentemente passear até lá para se divertirem e apanharem saborosos pinhões cuja colheita nunca foi vedada pelos Duques apesar de ser coutado o pinhal quanto à caça. Os coelhos eram tantos ali (diz ele) que se andavam metendo por baixo dos pés dos visi-

tantes daquele prédio e sua Ermida.

Nunca no meu tempo houve ali festa, mas é provável que a houvesse no tempo dos antigos Duques de Bragança.

O último anacoreta deste cubículo foi o Irmão Emídio Adrião da Nativida de, do qual dei notícia na crónica do ano de 1834. Como, porém, fica tão chegado à vila e a Casa de Bragança dá gratuitamente aquela moradia, lá tem havido morador por vezes.

O pinhal de S. Jerónimo é o mais antigo da Tapada e nele se aninham bandos imensos de corvos. Muitos destes passam por Bencatel de manhã dirigindo—se para o poente e não tornam senão ao caír da tarde parecendo—nos que se adiantam até aos campos de Evora. Quando chegam ao pinhal, ninho seu pater—no, esvoaçam muito pelas copas dos pinheiros fazendo os seus grasnidos, não sei se congratulando—se os bandos por se tornarem a ver em salvo. Isto observei eu sendo rapaz.

II

Igreja de Nossa Senhora de Belém

Esta é situada um pouco ao sul do palacete ou principal casa de campo da Tapada num pequeno cabeço e servia de Capela aos Duques durante as suas diversões campestres naquele parque.

Foi edificada pelo Duque D. João I aľ por 1570, conforme se colige de umas declarações que estão juntas ao seu testamento. (2)

Depois da Restauração Monárquica de 1640 e talvez desde o princípio desta Igreja havia nela missa aos domingos e dias santos celebrada por um Capuchinho do nosso convento da Piedade para os couteiros a poderem ouvir sem deixa rem o seu posto. Esse capuchinho saía do convento para o sítio dos Pereiros levando a chave da portinha que se chamou dos frades e por ali entrava encurtando muito a distância. Em compensação a Casa de Bragança fornecia o mesmo convento de combustível que o seu azemel ia buscar à Tapada com franqueza.

⁽¹⁾ Cap. 107, § 9, Tomo 3.

⁽²⁾ Provas da História Genealógica, Tomo 4.

O pequeno templo conserva-se em bom estado como pede a honra da Casa Brigantina; porém nunca me lembra de ouvir nos meus dias que fosse ali cele brada festa alguma. Tem um só altar.

III

Ermida de Santo Eustáquio

Desta fala claramente a História Genealógica dizendo que a fundara o Duque D. Teodósio II para fazer ali alguns retiros espirituais livre do bulício da sua corte, o que também soía fazer na casa das janelas de arco do segundo andar do Paço da vila. (1) O que não especializa é o ano da sua construção, mas isso diz-no-lo a lápide que o mesmo lhe mandou por na rectaguarda em latim referindo que ele consagrava aquele monte chamado outrora da Atalaia ao vigilantíssimo caçador Santo Eustáquio no ano de 1625, tendo lugar a sua primeira festa no dia 21 de Maio do ano seguinte, de onde se infere que poucos retiros pôde já o Duque fazer ali visto achar-se velho e perto da morte que lhe sobreveio ao cabo de quatro anos.

E muito linda a vista que ela oferece aos que passeiam pelo rossio do Outeiro do Ficalho. Ergue-se donairosa na crista de uma elevadíssima colina, situada quase à beira do muro da Tapada, perto da quinta de S. Vicente. Cobre toda essa colina uma espessa mata de estevas seculares ou mancha (como aqui se diz) dividida em quarteirões por meio de ruas longitudinais e transversais que depois da primeira visita de D. Pedro V foram duplicadas para me lhor se poder caçar nela. Essas ruas de um verde claro no meio do verde negro da mancha dão-lhe ao longe uma agradável perspectiva que mais realça ainda a branca Ermida a alvejar-lhe no cimo. Esta é redonda e esbelta por ter uma escada de caracol posta ao poente. E um castelinho roqueiro com a sua porta fechada por ferrolho, que tem por cima dois dculos para darem claridade à pequena rotunda. Um poial ao redor para se sentarem os visitantes forma o contraforte do castelinho ou torre. E em cima uma larga e bem emoldura da cimalha mais lhe dá a feição de torre, concorrendo ainda mais para isso o

⁽¹⁾ Tomo 6, pág. 550.

achar-se exulada no cimo do monte sem casa de sacristia. O eremitério é ao norte, defronte da ermida, com o seu quintal onde ainda vicejam algumas amendoeiras do tempo dos anacoretas dela.

Dali se avista grande parte da Tapada Real e os subúrbios orientais da $v\underline{i}$ la, podendo contemplar da mesma sorte uma grande parte da Estremadura Espa - nhola.

Esta Ermida tinha o seu campanário na frente sobre a cimalha ou parapeito da varanda, o que aliás não acontecia na de S. Jerónimo, e na rectaguarda está um padrão com o seu relógio de sol apartado.

Pouco depois de 1834 houve um saque geral de sinos de Ermidas em que também desapareceu o desta porque tinha falecido pouco antes o Monge do Eremitério. Depois, como a Dinastia reinante não vinha a Vila Viçosa, a Igrejinha continuou abandonada e até o Almoxarife João da Costa e Oliveira mandou tirar a telha do eremitério para consertar a moradia do couteiro das Hortinhas do Orelhal. Porém, aí por 1858, sendo Almoxarife Joaquim Cipriano dos Santos, foi novamente reparado tudo. Ainda que não se têm celebrado lá nenhuns cultos religiosos, a Ermida está muito asseada como pede o bom nome da Casa Ducal de Bragança.

Os monges ou anacoretas dos dois cubículos de S. Jerónimo e Santo Eustáquio, Mártir, eram sustentados pelos Duques antes de 1640 e em Novembro fazia-se (e tem-se feito até aos nossos dias) na Capela Real um ofício e missa cantada pelas suas almas.

O letreiro comemorativo da fundação da Ermida foi copiado por mim em 13 de Maio de 1888 e é do teor seguinte:

QVONDAM*ATA=
LAIA*CAPUT*A
THEODOSIO*SE=
CVNDO*D*EUSTA=
CHIO*PERVIGILI*VE=
NATORI*DOMICI
LIVM*DICATUM*
ANNO*DOMINI*
1625*PRIMVM
SACRVM*SOLEM=
NITER*CELEBRA=
TVMEST*21*MAII*1626

Tradução: Este monte, chamado outrora Cabeça da Atalaia, foi dedicado por Teodósio segundo ao diligente caçador Santo Eustáquio, como casa sua própria no ano de 1625. A primeira festa que se lhe celebrou fei feita com solenida de a 21 de Maio de 1626.

Esta lápide está encaliçada no muro da rotunda a uma altura acessível para bem se ler. Algumas letras acham-se enlaçadas.

CAPITULO XXXI

Ermida de Nossa Senhora do Paraíso

Paradisi portae per Te nobis apertae sunt. (Ofício da Assunção de Nossa Senhora)

Ι

Ao nordeste de Vila Viçosa, distante do Convento dos Capuchos cerca de um quilómetro e junto ao Porto de Elvas, há uma pequena Ermida com a invocação de Nossa Senhora do Paraíso, cuja escultura de meio metro de tamanho está sus pensa pelas costas, rodeada de anjos por todos os lados e pondo-lhe dois uma coroa na cabeça. É a coroação no Céu que se seguiu à Assunção da Bem-aventu rada Virgem e que a Igreja também celebra a 15 de Agosto.

Em 6 de Agosto de 1889, indo eu ali ver uns reparos a que mandei proceder pelo alvenéu João da Conceição Paixão, deu-me notícia de ter visto de manhã no pé da cruz que rematava o campanário (pois está partida a haste da cruz) e depois subindo-se acima do campanário e raspando o musgo da pedra verifi - cou estar ali a data de 1690, o que parece dar a fundação desta Igrejinha.

Mas o sítio já se chamava Paraíso um século antes como vi numa escritura do Tombo da Misericórdia.

II

Completemos já a sua descrição. Está olhando para o oriente. Precede - a um arco ou alpendre sobre o qual está o campanário cujo sino se conserva ain da por o terem os padroeiros em sua casa e não se pôr lá senão quando há festa. Fora do alpendre, num pequeno adro ensombrado por um velho freixo, levantaram um púlpito de alvenaria; daí para baixo até à estrada há escalões de lájea, algum tanto derruídos, por onde se sobe à Igrejinha do Paraíso.

Na verga transversal da porta estão escritas as palavras que tomei por epíqrafe deste capítulo em caracteres que denunciam o século XVI.

E muito pequena a Ermida, mas bem proporcionadas as suas partes que são: corpo, cruzeiro com duas janelinhas nos topos e capela de talha dourada com um nicho no centro em que se vê o Orago. Da parte da Epístola está uma sa - cristiazinha e do outro lado um corredor que diz para o colmeal.

Da parte de baixo e desse mesmo lado está a casa do dito colmeal como seu fogão e mais abaixo ainda sobre o ribeiro é o eremitério onde sempre tem havido morador ou eremitão, e constante de duas casas.

Mais para o poente está uma gruta a que chamam *a cova do monge* pois outro ra houve também ali anacoretas como nos eremitérios da Tapada Real.

III

Aquele sítio nada tem de formoso a não ser na primavera em que aprazíveis se tornam os próprios campos incultos e agrestes; porém muita gente gosta de ir ali espairecer na dita estação levando os seus jantares ou merendas, o que eu atribuo a ser a Ermida um lugar retirado mas com as suas casas e chaminés para fazerem ou aquentarem guisados e haver uma fonte concelhia junto da ponte do ribeiro. Este corre então precipitado com agradável sussurro; e, como são muitas as nogueiras pelas margens dele e estas preferidas pelos rouxinóis para discantarem os seus amores, não deixa então aquele páramo de ter bastantes atractivos mormente para as pessoas de génio melancólico.

Fora da primavera, porém, o sítio não é formoso como já disse, pois achan do-se apertado entre dois outeiros de grandes escarpas e muito pendido para o oriente, anoitece ali mais cedo do que na vila. Por isso mesmo tenho ouvi do já criticar o título de Paraíso dado àquela estância como impróprio e desarcetado. Enganam-se porém os que pensam que a Senhora houve do sítio o título do Paraíso quando foi vice-versa: o sítio é que houve da Senhora aquele nome, pois que Ela é ali invocada no Mistério da sua Assunção e Coroação no Céu ou Paraíso da eterna bem-aventurança ao terceiro dia da sua morte.

Quase sempre tem tido festa a Senhora do Paraíso ou à custa de uma mordomia de devotos seus ou dos seus padroeiros. No tempo dos Padres Correias faziam—lhe eles a sua missa cantada em quinta-feira da Ascensão com licença do Pároco da Matriz de que a Ermida é filial.

Por isso mesmo que tem padroeiro particular, tem-se conservado e há-de con servar-se a Igrejinha e seu eremitério, pois não pode o Governo Central vender ou desamortizar o que ali está por não ser público ou nacional.

Hoje é padroeiro o senhor do colmeal e da Ermida nele fabricada o autor destas *Memórias* que, por não ser rico, não pode beneficiá-la como deseja, mas espera ao menos conservá-la sem ruína e transmiti-la assim aos vindouros.

CAPITULO XXXII

Ermida de S. Domingos

Está outra Igreja de S. Domingos sobre o monte junto à horta da Trombeta.

(Calado - Valeroso Lucideno)

Ι

Também esta Ermida tem padroeiro particular. Era cabeça de um morgado per tencente à família dos Sousas Brandões, residentes em Lisboa. Em 1834 era administrador do Morgado da Ribeira (como diziam os antigos por fazer parte do vínculo a herdade da Ribeira de Borba) Luís de Sousa Brandão que fôra demitido de certo emprego das Secretarias de Estado para dar lugar a outros da gente do Mindelo. Veio então para Vila Viçosa para administrar pessoalmente o morgado de S. Domingos e sem tomar o estado conjugal cá faleceu a 30 de Agosto de 1851. A sua casa de residência, já aforada nalgum tempo, era na rua das Cortes, entre a dos Fidalgos e a Corredoura, mesmo no meio olhando para o norte.

Depois do falecimento de Luís de Sousa, passou o morgado a parentes seus que vieram a vendê-lo a António da Silva Paracana. Foi melhor assim porque os seus rendimentos em vez de safrem para fora ficaram na terra.

Pelos títulos, pois, da erecção do morgado, que suponho ter pertencido à família Matos, é que se poderia investigar a fundação da Ermida de que falam Morais, Calado e Cadornega e que pelo menos é obra do século XVI.

Está ela fundada no cimo do outeiro cujas faldas banha o ribeiro do Rossio de S. Paulo, que ali se divide em dois seguindo um naturalmente para o Paraíso e outro artificialmente para o Pinhal de Cristóvão de Morais ou de El-Rei, comprado pelo Duque D. Teodósio II para a Casa de Bragança.

Esta Ermida é dedicada ao instituidor da Ordem dos Pregadores, S. Domingos de Gusmão, natural de Calahorra em Espanha.

Nada tem de pequena embora com um só altar onde se venera a escultura do Orago metida num nicho ao pé do qual se vê um cão com uma vela na boca - re presentação de um sonho da mãe do grande Patriarca no tempo da sua gestação uterina.

O frontispício que olha para o poente ou para o Rossio de S. Paulo tem um alpendre aberto, tal qual como o de S. Bento, a cuja Ermida muito se assemelha esta, ficando só a diferença em ser um pouco mais pequena e carecer de altares colaterais que provavelmente naquela são posteriores à sua fundação.

Por cima da porta está da mesma sorte o campanário, mas hoje vazio por lhe terem furtado o sino e à sua direita é o eremitério comunicado com a sacristia que tem porta com degraus para a rectaguarda.

 ${\tt E}$ de abóbada com pinturas em painéis que recordam lances da vida do ${\tt Ora}{\tt -}$ go.

Também subsiste sem ruína todo este edifício. Mais ou menos sempre tem morado gente no eremitério por ficar próximo da casa da horta da Trombeta e acha-se fora do alcance das leis desamortizadoras por fazer parte do grande farrageal que se inclina para trás ou para o nascente.

Muita gente da vila vai ali passear descansando nos poiais do alpendre.

II.

No tempo da minha mocidade vivia o Padre António Correia, Beneficiado da Real Capela, o qual tomou a devoção de zelar o culto deste santo Patriarca. No dia 4 de Agosto pelas sete horas da manhã cantava-se a festa por música e de tarde era o sermão, ladaínha, etc. Os cantores e rabequistas prestavam --se gratuitamente a este serviço, aproveitando-se apenas de um debique ofere cido pelo zelador. E para as outras despesas havia o produto de esmolas em dinheiro e fogaças de frutas oferecidas principalmente pelos hortelões do ribeiro do Rossio. Aos benfeitores distribuíam-se rosários miúdos ou de tra - zer ao pescoço e estampas de S. Domingos.

Depois da morte ou impedimento do dito sacerdote interrompeu-se a festa por falta de zelador até que, aí por 1874 e anos seguintes, os padroeiros Paracanas a restauraram fazendo até um grande arraial de véspera com ilumina -ção de balões desde a Aldeia até à Ermida, música e muito fogo artificial : mas isto não durou muitos anos.

S. Domingos é tido entre nós como advogado contra as febres intermitentes.

CAPITULO XXXIII

Ermida de Santo Ildefomso

I

'No pátio da famosa quinta de Peixinhos está a Ermida de Santo Ildefonso, Arcebispo de Toledo, capela particular da mesma quinta que o nosso Cadornega qualifica de mais Real do que Fidalga. (1) E assim era no tempo de Afonso de Lucena, seu fundador, e de seu filho, o célebre porém malogrado Francisco de Lucena. O palácio era soberbo. Havia ali castanhal, coelheira, horta, poma res, vinha, olival e terras de sementeira. Da nora grande encaminhava-se a água à cozinha, tendo a gorra alcatruzes de cobre e movendo-a lá em cima um boi, como dizem os velhos.

Tudo aquilo foi arranjado por Afonso de Lucena, secretário da Duquesa D. Catarina, que instituíu em 1611 o morgado de Peixinhos, o que diz ser a Ermida fundada no princípio do século XVII.

Depois da execução de Francisco de Lucena, ficou o morgado na Casa de Bragança para serem os seus rendimentos distribuídos pelos criados pobres da mes ma Casa, conforme as cláusulas da sua instituição (1643); e durou isto perto de um século.

Sendo restaurado o vínculo por D. João V e absolvidos os Lucenas da interdicção civil, conservou-se ainda a quinta num estado sofrível porque Joaquim Eugénio de Lucena residia em Vila Viçosa, o que aliás não fizeram os seus su cessores até ao actual e último que tem o nome de Martinho e reside em Lisboa depois de ter morado em Coruche.

Em 1878 passou a quinta de Peixinhos, a casa da rua de Santo Agostinho, as herdades da Vigária e Barrinho Branco de Bencatel, etc. ao negociante de Lisboa Adolfo de Lima Mayer que já trazia de arrendamento estes prédios a longos prazos e isto por efeito de compra em hesta pública de execução por dívidas do dito Martinho de Lucena.

Já se pode calcular, pois, que a quinta cafu no maior abandono possível

⁽¹⁾ Descrição de Vila Viçosa.

por não quererem os rendeiros saber de conservação e menos ainda beneficiá — -la. Palácio, casas de criados, muros, etc., exceptuando unicamente a moradia do hortelão, tudo tem vindo a terra e se a Ermida subsiste ainda é por estar apartada no pátio: aliás o mesmo palácio lhe prepararia a ruína.

II

E pequena a Igreja do Santo Arcebispo de Toledo, mas de forma ostentosa assemelhando-se algum tanto à de S. João do Carrascal; mas a sua cúpula ele va-se muito mais e tem até janelas com vidraças nas quatro faces maiores.

O Orago está representado sobre o altar num quadro a óleo. Dos lados da quase rotunda há dois compartimentos separados por anteparos de lona, um dos quais servia para se revestir o capelão e outro de lugar reservado para a $f\underline{a}$ mília padroeira. No primeiro conserva-se um precioso busto de alabastro de D. José da Fonseca e Evora, Bispo do Porto, parente dos Lucenas e promotor da sua restituição a este Reino.

Espera-se que melhore a sorte da quinta e sua Ermida quando venham a ser possuídas por gente da nossa vila.

Nunca no meu tempo se fez ali festa alguma.

Ermida de S. Marcos

Ι

Continuando a caminhar pela estrada ou azinhaga de Peixinhos - essa estrada antiquissima que ligava a aldeia Romana de Vila Viçosa com a povoação ou vilar de Pardais -, encontra-se a Ermida de S. Marcos lá no extremo onde acabam os coutos da Matriz e principia a dita Freguesia de Pardais. Por isso mesmo não duvido de que no tempo do Padre António Carvalho da Costa ou princípio do século XVIII fosse esta Ermida filial de Pardais como ele diz na sua Corografia Portuguesa, (1) pois consta por tradição que já periódica ou temporariamente serviu ela de Paróquia de Santa Catarina.

A Ermida de S. Marcos é das mais respeitáveis que possuímos pela sua remo ta antiguidade porquanto já existia na segunda metade do século XIV e dela faz menção o velho cronista Fernão Lopes na *Crónica de El-Rei D. João I* e a *Monarquia Lusitana* na sua oitava Parte por ocasião de referirem as partilhas da presa que os capitães Alvaro Gonçalves de Vila Viçosa e Pedro Rodrigues do Alandroal fizeram na Estremadura Espanhola em Abril de 1384. (2)

Calculo que fosse edificada logo que os Calipolenses povoaram a Ribeira de Pardais por lhes ficar a Matriz na distância de cinco, seis e sete quilómetros e custar-lhes assim muito a cumprir o preceito da audição de missa e pode bem ser que ela servisse já de templo gentílico no domínio dos Romanos, pois está situada em meio das ruínas da velha povoação de Pardais.

Crê-se que servira de capela rural aos vizinhos daqueles contornos antes de se erigir a Freguesia de Santa Catarina.

Em 1744 fez-se ali uma grande reparação como consta da era de 1744 que ali se via no frontispício. Em 1894 começou a ser restaurada por João Lopes, de Borba, filho do comprador José Lopes.

Depois continuou aberta ao público, fazendo-se uma festa anual ao Santo

⁽¹⁾ Tomo 3, pág. 510.

⁽²⁾ Veja-se o capítulo 26 da Primeira Parte.

Evangelista por devoção dos seus vizinhos, até que já no século corrente decaíu essa devoção contribuindo para isso o ser filial da Matriz e não de Pardais.

Estando já interrompido o culto, caíu no campanário uma faísca eléctrica, a qual precipitou o sino sem o quebrar e o Pároco da Matriz mandou recolhê —-lo na mesma onde hoje ainda se conserva.

Foi nesta situação que eu vim a conhecer a vetusta Ermida. Como láse não celebravam já cultos alguns, o Escrivão da Fazenda meteu-a no inventário dos bens da Junta de Paróquia da Matriz e o Delegado do Tesouro com o Governador Civil puseram-na em venda em Outubro de 1875 para ser desamortizada, indo en tão à praça no valor de 16\$000 réis! Como só comparecesse em Evora a licitar nela o dono da vinha ou quinta de S. Marcos em que a Ermida jaz, lançou-lhe mais um tostão e adjudicaram-lha juntamente com um chão que rendia 1\$200 réis anuais. Chama-se o dono José Lopes e mora em Borba. Hoje é pois uma simples casa de arrecadação ou armazém de alfaia rústica.

Decerto erraram muito os que talharam a Freguesia de Pardais não colocando aqui a sua sede e dando à mesma o sítio das Vinhas Velhas que lhe fica ao norte, pois a Ermida do Santo Evangelista era maior e mais sólida do que a de Santa Catarina onde foram erigir a Paróquia rural.

II

O estado material do templo é este. Virado para o poente ou para Pardais, tem à porta um pequeno alpendre aberto com tecto de abóbada e sem revestime $\underline{\mathbf{n}}$ to superior de telhas.

O pórtico é singelo, mas amplo e de boa cantaria branca.

O corpo da Igreja é largo e bem proporcionado, coberto de abóbada e com uma porta lateral para a azinhaga da parte do Evangelho, hoje tapada, mas com umbrais de mármore azul emoldurados com meias canas. Junto desta porta e da principal merecem atenção duas enormes conchas ou vieiras naturais que servem de pias de água benta. O púlpito é da parte da Epístola. Dentro são caiadas as paredes e fora acham-se estas descarnadas por lhes ter caído o reboco, mas não se vêem rachas nelas ou na abóbada que anunciem próxima ruína.

A capela única, onde está o Santo Evangelista metido num nicho, é redonda e de abóbada igualmente redonda, assim como o telhado fôra. A sacristia fica da parte do Evangelho comunicando-se com a casa da vinha que eu julgo ser antes eremitério do templo e de que os donos daquela se tinham apossado já desde muitos anos.

CAPITULO XXXV

Ermida de Santo André e outras notícias

E ultimamente está a Ermida do Apóstolo San to André junto à serra... entre vinhas e pomares.

(Cadornega - Descrição de Vila Viçosa)

Ι

Também eu quis deixar para último lugar a notícia da Ermida do Apóstolo Santo André, como fez Cadornega, e mais razão tenho para isso visto que ela já passou a existir unicamente no campo da história.

Era situada nas vertentes meridionais da serra da Barradas e à mão direita de quem segue o caminho de Vila Viçosa para o convento de Montes Claros. Esta é a verdade, porém Cadornega em Luanda já com mais de 40 anos de ausência de Vila Viçosa, esquecendo-lhe a sua verdadeira situação escreveu que ela era junto da serra do Lavra de Noite... Adiante.

Da relação do mesmo Cadornega resulta que ela ainda se conservava de pé no seu tempo ou no século XVII. Veio a terra... Quando?... Provavelmente no pas sado século XVIII e na sua metade última pois encontro memória de terem nela sepultura alguns vizinhos seus até ao ano de 1763. Acho memória de celebrar—se ali um casamento em 1723. Apenas contam os velhos que o Orago dela foi removido para a Matriz e hospedado na capela de seu irmão S. Pedro, como já observei noutro lugar.

Não se cuidou no reparo da Ermida do Santo Apóstolo e portanto caíram até os próprios muros formando um montão confuso de ruínas designadas agora por Casarões de Santo André.

Ainda nos nossos dias desfrutava ali a Junta de Paróquia da Matriz um chão que arrendava por mil ou mil e duzentos réis e provavelmente já desamortizado.

Aquele páramo, situado no meio da serra de Borba, é presentemente feio. Chamam-lhe ainda sítio das quintas de Santo André e ainda lá restam a dos Passarinhos e a da Barradas que foi dos Condes do Redondo: porém outrora tudo ali eram vinhas e pomares como diz Cadornega. Hoje são olivais constituin do uma bacia deserta, mas despovoada já nos nossos dias.

A Ermida era pequena e devia ter junto dela o seu eremitério, o que já se não pode conhecer.

Lá está ainda ao oriente da mesma um poço concelheiro que perpetuará a me mória deste santuário com o seu título de *Poço de Santo André*.

Não pode negar-se que a Ermida foi edificada para ouvirem missa os quinta taneiros daquela paragem e como nessa época abundavam os sacerdotes seculares e regulares facilmente achavam Capelão barato na vila ou no Convento da Luz.

E provável que esta Igrejinha date do século XIV como as de S. Marcos e S. Pedro de Bencatel.

TT

No Santuário Mariano, escrito no princípio do século passado, faz-se menção de uma Nossa Senhora de Vila Viçosa venerada em Antiquera ou Andaluzia e de que o seu autor achou notícia no Atlas Mariano do Padre Guilherme Cumppemberg. Diz este que a Ermida de Vila Viçosa em que a dita Senhora recebia culto estava abandonada e que por isso fôra dali furtada a imagem por certo camponês e levada para Espanha.

Por minha parte declaro não poder fazer nenhuma luz sobre este caso. De mais: muito me admira que se trate de uma ermida abandonada em antigos tempos quando os nossos avós eram tão zelosos em conservá-las com recato e asseio, além de que em Espanha também há Vilas Viçosas.

Estas minhas observações, contudo, não miram a negar o facto porquanto para se furtar uma imagem de um templo qualquer não é mister que ele esteja abandonado: basta que tenha a porta aberta e descuidado seja quem o vigia.

Depois de dar aquela notícia continua o autor do Santuário, Frei Agosti - nho de Santa Maria: "E muito para sentir que em Vila Viçosa se não saiba ho je onde esta Santíssima imagem aparecera e qual foi a Ermida que se lhe dedicou "(1)

⁽¹⁾ Tomo 6, tít. 106.

Isto de aparição e de Ermida própria é sonho de Frei Agostinho. Não há me mória de Ermida alguma de Nossa Senhora em tempos antigos a não ser a do Paraíso que existe e a da Senhora da Piedade em S. Francisco Velho que durava ainda há um século e não foi furtada.

Se o caso é verdadeiro, a imagem de Antiquera foi furtada de cima de algum altar, mas não sendo ela Orago da Ermida.

III

Observarei ainda que no caminho do Alandroal onde está a colina chamada particularmente Serra Redonda tem o nome de Sítio de S. Saturnino a encosta desde Vale de Pegas até a planura do cimo ao longo da estrada referida. Tal denominação parece rememorar uma Ermida do mencionado Santo; porém não resta sequer uma tradição disso, nem há vestígios de ruínas de qualquer edifício em lugar tão solitário e inóspito.

CAPITULO XXXVI

Igrejas e Ermidas existentes nas freguesias rurais

Depois de resenhar quantos conventos, igrejas e ermidas existem na vila e seus subúrbios, julguei conveniente não omitir as do termo ou concelho da vila: coisa que não entrara no meu primeiro plano, mas que se torna precisa para que a minha obra tenha algum juz à perfeição que desejava dar-lhe.

E de mais, quando Cadornega mencionou a capela de Nossa Senhora das Mercês de Bencatel e Frei Agostinho fez outro tanto no *Santuário Mariano*, justo é que eu lhes não fique atrás sendo como sou um especialista difuso; e nesse caso é melhor não preterir nenhum monumento religioso. Isso farei.

T

Freguesia de Bencatel Igreja de Santa Ana

O Orago desta freguesia é a Gloriosa Santa Ana e tinha a sua sede na herdade de Cabeça de Macho que veio a trocar este nome pelo de Santa Ana que ho je lhe dão. Estava situada no centro da Freguesia, mas num ermo. A natureza fadara a planície da Lagoa e a sua ribeira para serem o assento de uma no va e aprazível aldeia qual é a de Bencatel e portanto a Igreja Paroquial devia ser transferida para aqui ou para o norte em campos lavados pelo vento de Estremoz.

A dita Igreja de Santa Ana, que era pequena e pobre, devia ser no seu princípio uma Ermida para os lavradores dos montes do sul e os habitantes da Ribeira baixa ouvirem missa. E, constituída em capela curada ou Curato Rural no século XV, veio a ser Paróquia até ao ano de 1770.

Antes do século XVIII só tinha residência para um eremitão ou sacristão, mas em tempo de D. João V fez-se moradia para o Pároco e lá residiram alguns dos últimos.

Desse templo restam ainda avultadas ruínas à mão esquerda sobre a estrada que de Estremoz e Bencatel conduz a Terena. Era ali termo antigo de Estremoz.

Igreja de Nossa Senhora do Alcance

Na segunda metade do século passado abundavam já muito os vizinhos da nas cente chamada Lagoa que é a fonte principal da Ribeira de Bencatel; e tanto que os Párocos designavam este arrabalde nos seus assentos pelo título de Al deia da Lagoa. Esses vizinhos, juntos com os das hortas e montes de cima ou norte, constituíam já a maior parte da população da freguesia porque o Conde das Galveias contribuíra para isso aforando em courelas a herdade das Janelas e o morgado Mascarenhas fizera outro tanto com o aforamento de parte do Forte da Estrada, entre ambas as quais herdades estão as nascentes da Lagoa. Nestas circunstâncias elegeram um capelão que lhes dissesse missa aos domingos e dias santos na capela de Nossa Senhora das Mercês, evitando assim irem ouvi-la mais longe na Paróquia de Santa Ana.

Vivia então em Vila Viçosa um homem chamado Bartolomeu Fialho, conhecido vulgarmente pelo nome de Cabeleireiro porque fôra barbeiro e cabeleireiro na quela época de tanto luxo nos penteados de mulheres e homens. Tinha ele em sua casa num oratório uma imagem de Nossa Senhora do Alcance e, como era mui to devoto dela, quis edificar-lhe uma Igreja. Considerando além disso que essa Igreja seria mais durável tendo a serventia de Paróquia, imaginou que de via fundá-la em Bencatel num bom prédio seu de vinha, outrora terreno da her dade das Janelas, e situado ao sul da nascente da Lagoa em curta distância, entendendo-se primeiro com o Arcebispo de Evora para que a Freguesia de Santa Ana fosse trasladada para esta nova Igreja que se obrigou a fazer em ponto maior.

O Prelado Ordinário anufu prontamente a esta petição; o Conde das Galveias concedeu as necessárias licenças como senhorio directo do terreno em que a Igreja havia de ser edificada, lavrando-se escritura disso; e assim começaram as obras no ano de 1765 para virem a acabar-se no de 1770. Pelo outono realizou-se a trasladação da Paróquia de Santa Ana e aqui ficou funcionando até agora.

Não omitirei ainda que os velhos dizem influír muito na resolução de Bar-

tolomeu Fialho um descargo de consciência pela invenção de um tesouro antigo. Referem que ele entrara em Vila Viçosa sem trazer mais do que o seu ofício de barbeiro e cabeleireiro e que viera a tornar-se rico por motivo de achar numas casas da rua de Evora, que são as primeiras à mão esquerda na embocadura da Praça, uma grande porção de dinheiro durante umas obras que lá se faziam sendo ele inquilino do prédio. Contam que, pondo-se ele a derrubar certo pe daço de parede quando os alvenéus tinham ido jantar, encontrara o tesouro e que não consentira que trabalhassem de tarde, respondendo ele pelo jornal do meio dia para esquadrinhar melhor o lugar do invento. Acrescentam que mais tarde revelara isto ao seu confessor e este lhe aconselhara gastar uma parte da sua fortuna em obras pias por intenção de quem lhe proporcionara tornar -se de pobre, rico.

A Igreja da Senhora do Alcance ficou sólida e bastante grande para a população daquele tempo, isto é, com capacidade para conter 400 pessoas.

Pena'é que não lhe fabricassem coro e que ainda hoje lhe falte.

Tem um espaçoso adro, bom pórtico, três janelas envidraçadas no frontispício, tudo com vergas de mármore e torre de alvenaria com três sinos, à esquerda. As paredes são sobejamente grossas e o tecto de abóbada muito elevado. Todos os portados e arcos de altares e nichos são de mármore, assim como o pavimento e o púlpito que é lavrado.

Por cima do altar-mor está num camarim envidraçado a Padroeira da Freguesia, de escultura e origem moderna. Sobre ele é a tribuna para as exposições do Santíssimo e onde, fora desse caso, se venera no trono de cimento e mármo re a escultura do Titular da casa e Orago dela. Aos lados da tribuna estão dois nichos com S. João Baptista e Santo António.

Na capela-mor da parte do Evangelho entra-se para a sacristia geral e defronte é a particular dos irmãos do Santíssimo Sacramento, já construída à custa da Irmandade. Por baixo desta fica a da confraria das Almas e depois a casa da arrematação das fogaças, ambas do tempo do fundador.

A confraria do Santíssimo foi instituída em 1771, mas o seu compromisso teve aprovação do Cardeal Arcebispo em 18 de Novembro de 1772 e, sendo adita do em 1804, confirmou esse aditamento em 28 de Novembro o Arcebispo D. Frei Manuel do Cenáculo. A confraria das Almas tem compromisso aprovado pelo Arcebispo D. Domingos de Gusmão a 24 de Outubro de 1680. Possui um capital de 60\$000 réis.

Junto da capela-mor há dois altares de cada banda numa espécie de cruzeiro que ali forma o templo. Da parte do Evangelho está de cima o de Nossa Se nhora do Rosário, de vestidos, que tinha confraria mas hoje sem compromisso e possuía um foro e um quinhão comprados em 1603 com sobejos de esmolas: aque le de 22 alqueires de trigo anafil ou 2\$200 réis em dinheiro imposto na azenha de Pomares, freguesia de Monte Virgem, e já desamortizado; este, de 15 alqueires de trigo galego, imposto na herdade de Santa Ana.

Por baixo é o altar da Santíssima Trindade em quadro a óleo e ali se ven<u>e</u> ram igualmente o Menino Jesus Bom Pastor e S. Francisco de Assis com hábito de droga.

Da parte da Epístola é o altar do Senhor Jesus ou Santo Nome de Jesus com um grande Cristo crucificado fazendo-lhe companhia Nossa Senhora da Soledade (que outrora figurou de Santa Ana) e o Evangelista S. João. Os dois últimos estão representados igualmente no quadro a óleo do retábulo. Por baixo é o altar de S. Miguel com o painel do purgatório.

O baptistério é logo à entrada e à mão esquerda e tem a forma de rotunda. O fundador construíu ao poente do templo um prédio de casas suas que seu filho João Fialho Vieira ampliou e onde eu escrevo estas Memórias. Nele fez entrada para uma tribuna, construída junto da janela esquerda do frontispí cio da Igreja, para dali assistir à missa e festas quando vinha a Bencatel. E bem, porque era padroeiro da Paróquia. Seu filho gozou da mesma prorrogativa e com razão porque, além de muitas alfaias de prata, deu à Irmandade do Santíssimo um olival a Trás-os-Montes aforado em seis alqueires de azeite pa ra se alumiar o sacrário da capela-mor e a imagem da Senhora do Alcance e por sua morte deixou-lhe um foro de 80\$000 réis livres, imposto na herdade do Va le situada ao pé da Terrugem, e já desamortizado... Mas sendo ele Bacharel formado em Cânones e vendo que na sua pessoa, como Diácono, se extinguia a sua geração, devia em testamento mandar tapar a tribuna de que somente os pa droeiros podem usar e para qualquer ser padroeiro de uma Igreja requere - se em direito eclesiástico os títulos de fundação, dote ou conservação da mesma Igreja, o que já se não verifica nos possuidores do prédio de Bartolomeu Fia lho.

Af por 1840 opôs-se à conservação da tribuna o Pároco António das Dores e Figueiredo e, como o foro eclesiástico tinha sido anulado ou quase pelos Liberais, apenas pôde conseguir que fosse a tribuna cercada com grades de ferro para se não poder descer por ali ao templo.

E ficaremos com estas notícias que já me parecem bastantes.

Dei notícia desta Ermida na Primeira Parte, capítulo 28, \S 4, para onde remeto os leitores.

E a mais antiga de Bencatel e fundada no século XIV. Os donos da herdade do *Monte de El-Rei*, chamados Gonçalo Martins e seu filho Lourenço Gonçalves e sua nora Maria Lourenço, doaram a Ermida com um quintal da parte do sul ao Clérigo Fernando Afonso e a João Afonso, ambos eremitas, para organizaremali uma Provença ou Eremitério da Congregação dos Monges da Serra d'Ossa – provença que veio a ser extinta pouco depois, unindo-se estes monges com os do Convento da mesma Serra d'Ossa. Aforaram os frades deste Convento as casas e o quintal em 2:400 réis que ainda se pagam à Fazenda Nacional.

Não consta a data daquela doação, mas há uma confirmação dela passada em Vila Viçosa a 9 de Novembro de 1431 pelo Conde de Arraiolos, sendo já então falecidos os doadores, de onde se vê que não é desarrazoado fazer remontar a Ermida ao século XIV.

Até pode ser que ela, sendo fundada em vilares Romanos como a de S. Marcos, venha de tempos anteriores à Monarquia Portuguesa, o que apenas lembro mas não afirmo por falta de documentos.

Virada para o poente, a Ermida de S. Pedro tem na frente um alpendre aber to e um campanário por cima como as outras Ermidas, mas esse alpendre é já segundo porque, acrescentando-se outrora o templo, meteram o primitivo para dentro dele, o que é bem visível no interior. Este acrescentamento devia ser feito no primeiro quartel do século XVII quando se fundou a Capela de Nossa Senbora das Mercês.

No corpo da Igreja, que não é muito pequena, está da parte do sul um púlpito de alvenaria e uma porta lateral; e da parte do norte a Capela das Mercês de que adiante darei conhecimento. O tecto é de tabuado como na primitiva; nem os muros podiam com abóbada forte pois o do sul pendeu muito para fora e foi preciso escorá-lo com um gigante. O pavimento é lajeado em baixo e estradado para cima.

Na capela-mor vê-se metida num nicho envidraçado a escultura do Principe dos Apóstolos; da parte do Evangelho está uma pequena sacristia sem luz; e em frente uma fresta que devia ser janela envidraçada para ter mais claridade a capela e a sacristia.

E de abóbada o tecto da capela-mor e já restaurado neste século. Está

sólida e decorada com pinturas singelas. O tecto da Igreja foi renovado na mesma época e pode ser duradouro se o consertarem de tempos a tempos.

Há ali uma mordomia que promove a festa do Orago com sermão a 29 de Junho.

Ermida de Nossa Senhora das Mercês

Na Ermida de S. Pedro abriu-se da parte do Evangelho um arco e construíu-se com a frente para baixo a capela de Nossa Senhora das Mercês com retábulo de cantaria branca e azul, ainda que toscamente lavrada: isto no princípio do século XVII. E desde então a Ermida do Príncipe dos Apóstolos começou a ser mais conhecida pelo título de Ermida de Nossa Senhora das Mercês, apesar de não ser orago dela, mas porque a devoção dos fiéis atendia mais à Bem-aventurada Virgem. Porém, no ano de 1838, sendo Expureiro e Zelador da sua mordomia um homem chamado Bento Nunes, e vulgarmente Bento Loio, pôde ele com sobejos de esmolas juntar um corpo à capela com a sua portada na frente, púlpito e sacristia, tornando-se assim a Capela das Mercês um santuário distinto e sólido por ter tecto de abóbada. Conservou-se, contudo, o arco para a Ermida de S. Pedro, o que proporciona encherem-se de fiéis ambas as Igreji nhas quando há festa em qualquer delas. A diferença que têm consiste em ser mais estreita e curta a das Mercês e servir a ambas o campanário de S. Pedro cujo sino foi comprado em 1861 por terem furtado o antigo.

A história da imagem de Nossa Senhora das Mercês encontra-se no Santuário Mariano, Tomo VI, Livro 1º, Título 63, e resume-se no seguinte: Cerca do aho de 1600 apareceu em Vila Viçosa uma pobre mendiga (Espanhola, diz a tradição), a qual trazia na mochila ou alforge o meio corpo da Senhora, pois é de roca e vestidos. Indo albergar-se em casa de uma devota mulher chamada Maria Francisca, a quem a pobre curou dois filhos de tinha ou sarna, descobriu-lhe a hospedeira a imagem no farnel. Comunicou o caso a seu tio Padre Diogo Vieira que era Vigário da Vara e pedindo ambos informações à mendiga declarou esta que a imagem era da casa de seus pais e que a trazia consigo por devoção própria. Como, porém, tal devoção tivesse mais indecência do que reverência, Maria Francisca e seu tio rogaram-lhe que cedesse a imagem à sua hospedeira; e anuindo ela foi decentemente vestida e colocada num nicho da casa de Maria Francisca.

Desde logo começaram devotos a procurar esta Senhora para orarem diante

dela, o que decerto era importuno para a possuidora da imagem e por isso mes mo concordou Maria Francisca em abdicar a sua posse e colocá-la no altar de S. Pedro de Bencatel, talvez porque desta freguesia fosse o maior número de devotos que lhe iam a casa.

Posta ao culto público numa Igreja, principiaram a afluír devotos até de lugares distantes com romarias e pendões, fazendo as suas festas e depositam do esmolas com as quais se construíu a casa do eremitério na trazeira das Ermidas e uma grande cavalariça chamada Hospedaria da Senhora das Mercês que está da parte do sul, além da capela própria da Senhora que jáfica mencionada.

Cadornega, que se retirou de Vila Viçosa para Angola em 1639, dá testemunho dessa devoção escrevendo: "Distância de meia légua desta venturosa villa está a casa e Egreja de Nossa Senhora das Mercês, de muitos milagres como as paredes da sua santa casa dão muito bem mostras de si"; (1) e acrescenta que no tempo da primavera vinha muita gente da vila orar neste santuário e recrear-se nuns campos tão alegres e vistosos, comendo lacticínios do Monte das Janelas onde se vendiam bons requeijões, etc. Ainda nesse tempo não estava dividida a herdade em glebas enfiteuticas e o monte, como ele afirma, tinha as janelas de onde lhe veio o título e que não tem já.

Não admiram estes passeios dos Calipolenses a Bencatel na primavera para comerem requeijões, pois ainda hoje se usam sendo esta aldeia para Vila Viço sa como Sintra para Lisboa em todo o tempo.

As romarias de fora cessaram já no século corrente, sendo as últimas de Santa Susana e outra das partes do Redondo, mas os Bencatelenses conservam a sua devoção mantendo uma festa no último domingo de Setembro, além de outras extradordinárias em tempo de tribulação. Tem sido já por vezes trazida em procissão para a Igreja Paroquial, de que dista meio quilómetro, para se lhe fazer aqui festa com mais pompa e comodidade e as mães, depois do parto, cos tumam ir-lhe oferecer os seus filhos recém-nascidos para que a Virgem Santís sima os tome debaixo da sua protecção. Além disso, aos domingos e dias santos de tarde vai ali passear e fazer oração muita gente e sobretudo mulheres.

⁽¹⁾ Descrição de Vila Viçosa.

Igreja ou Capela de Nossa Senhora da Madre de Deus

E uma pequena Igreja situada no pátio da quinta deste nome ou dos Mascare nhas, ao noroeste de Bencatel e pouco abaixo das duas Ermidas contíguas atrás mencionadas.

Não é pública, mas do senhorio do dono da quinta fundada pelos Mascarenhas de Vila Viçosa em terreno da herdade do Forte do Sobral nos princípios do s $\underline{\epsilon}$ culo XVII.

E de abóbada. Tem púlpito e um pequeno coro. Recebe luz de um óculo aber to sobre este e da portada para o pátio. A capela é de mármores azuis e bran cos bem lavrados, incluindo a urna e o presbitério. A imagem de Nossa Senho ra, ainda que modelada em barro, é perfeita e acha-se resguardada num nicho com a sua vidraça. Nunca lhe fizeram campanário.

Não tem havido ali festa ordinária, mas sim algumas extraordinárias e mi<u>s</u> sas rezadas com beneplácito do padroeiro.

H

Freguesia de Pardais Igreja de Santa Catarina

O Orago desta Paróquia é Santa Catarina de Alexandria, virgem e mártir.

Quando se constituíu este curato rural no século XV, conforme se crê, havia junto do arrabalde chamado Aldeia, e que eu reputo uma relíquia de vilar do tempo dos Romanos, uma Ermida consagrada à Virgem e Mártir Santa Catarina, a qual, por ficar ao sul da Ribeira da Lagoa e próxima daquele centro da população, foi preferida para servir de Igreja Paroquial. Dizem memórias antigas do cartório dela que não se consumiam bem os corpos sepultados na dita Paróquia e por isso mesmo edificaram outra nova ao poente na herdade das Bispas, o que parece ter tido lugar já no século XVII.

Não podemos portanto informar como era essa Igreja antiga de que não restam vestígios notáveis.

A nova e actual tem a porta para o poente, num sítio exulado em que só o

sacristão assiste numa residência que fica perto da fachada. A direita desta ergue-se o campanário com um sino que se toca debaixo ao ar livre ou se repica em cima subindo lá o sacristão por meio de escada portátil. Depois está o cemitério fabricado em 1845 e de tamanho suficiente.

Dentro é assim a Igreja. A mão esquerda fica logo o Baptistério que eu reedifiquei em 1878 pondo-lhe tecto de abóbada e em seguida está o púlpito do refeitório do Convento de S. Paulo, com peitoril e balaústres de madeira para suprir o destruído já, e que eu mandei colocar ali em 1879 por mo ter dado a Câmara assim como deu lájeas de mármore para o pavimento da entrada e ca pela-mor. Segue-se do mesmo lado a capela ou altar das Almas e o da Senhora do Rosário. Em frente deste último está o altar do Senhor Jesus crucificado com Santa Helena e S. Jomás de Vila Nova, e em frente do outro é a porta lateral.

A capela-mor, onde o Orago, de vestidos, está no meio, tem um bom retábulo de mármore que se diz mandado fabricar já neste século pelo Pároco Manuel Bernardo de Bastos e Sousa, natural de Bencatel e lavrador da Nora. Aos lados sobre peanhas estão S. João Baptista e Santo António. A banqueta de mármore estava muito chegada ao retábulo, razão por que mandei arrancá-la em 1880 puxando-a um palmo para diante e fabricando o altar de novo. Os colaterais tiveram também urnas de estuque em 1878 à custa da Fidalga D. Joana Isa bel de Sande, residente em Lisboa e dona das quintas dos Paços e Patinhos.

Na dita capela-mor, da parte da Epístola, está uma janela envidraçada que lhe fornece bastante luz, mas do outro lado a sacristia, de tecto de tabicado e paredes fendidas, está pedindo uma reedificação desde os alicerces.

Tem hoje o corpo da Igreja três linhas de ferro, sendo metida por mima do centro, e sem isso teria já caído a abóbada porque as paredes, construídas para tecto de tabuado, ressentiram-se quando lhe fabricaram a dita abóbada. nos fins do século passado.

No meio da capela-mor estão duas campas com epitáfio. Diz a primeira: "Esta campa mandou pôr Briolanja de Jesus e para seus herdeiros ". A segunda: "Sepultura de Ana Martins, mulher que foi de João Lopes de Vila Viçosa, e de seus herdeiros. Era de 680" (1680).

Esta paróquia não teve nem tem bens ou rendimentos certos.

Há ali apenas uma confraria das Almas que no tempo da fartura e barateza de capelães de domingos e dias santos sustentava um, assim como as outras freguesias rurais. Hoje só o tem Bencatel.

Esta passou já a figurar unicamente no campo da história porquanto caíu não há menos de um século. A imagem do seu Orago, Santa Helena, Imperatriz, foi levada para a Igreja Paroquial e é aquela mesma que se conserva no altar do Santo Nome de Jesus.

Era situada ao sul da Horta Grande e em terra desta mesma onde existem ain da ruínas suas: razão por que a herdade vizinha teve o título de Santa Helena, transformado no de Misericórdia quando passou a ser possuída por esta Santa Casa.

A Ermida em questão era muito pequena.

O Padre Costa mencionou-a na Corografia Portuguesa como filial desta Freguesia de Pardais, colocando na mesma condição as Ermidas de S. Marcos e Nos sa Senhora das Mercês. Ora, quanto à primeira, já disse que tal coisa era possível; porém, quanto à segunda ou ser Nossa Senhora das Mercês filial de Pardais sendo aliás situada em Bencatel, foi ele muito mal informado. A Capela das Mercês (coisa singular!) era filial da Matriz e deixou de o ser af por 1838 passando a pertencer à Frequesia de Bencatel.

Igreja de Santo António

E de fresca data e fundada junto da quinta dos Paços para lhe servir de capela. Não lhe chamo Ermida porque fica na rua dos Paços junto dos mesmos Paços de Rui de Sousa Pereira.

Mandou-a edificar o nosso patrício Diogo da Cunha Sottomaior cerca do ano de 1838.

E de abóbada, tem campanário e porta ao lado para ficar a tribuna do padroeiro em frente do altar. Este é uma urna de madeira, mas bem lavrada.

Na sacristia está um caixão com os paramentos necessários para missas rezadas.

Não está nas mesmas condições a capela da Senhora da Piedade que se acha na Quinta do Dr. Panasco, por não ter forma exterior de templo, posto que com porta para o pátio e sino dentro suspenso em varões de ferro.

E capela particular também e desarranjada presentemente.

III

Freguesia de S. Romão Igreja do mesmo

O Orago desta Paróquia é S. Romão, Eremita célebre de Panóias, neste Alentejo, e ali falecido em 566 no tempo dos Godos.

A sua Igreja Paroquial principiou, segundo se crê, em Ermida, assim como outras. Está virada para o poente ou para Vila Viçosa, com um campanário de dois sinos à esquerda e cemitério do mesmo lado. E pequena e sem artifícios de arquitectura e, além da capela-mor, tem os altares de Nossa Senhora do Rosário e das Almas.

Fizeram-lhe um pequeno coro sobre a entrada para os músicos durante as festas.

Desde 1863 acha-se muito melhorada com a criação de uma Irmandade do Santíssimo Sacramento devida ao nosso patrício Francisco de Paula Jordão, falecido ali, o qual deixou um prédio de casas para com o produto da sua venda se arranjar rendimento com que sustentar a lâmpada acesa diante do sacrário. Da mesma sorte o lavrador João Pedro Velez e outros aumentaram notavelmente a re sidência paroquial tornando-a capaz de lá morar o Pároco.

A aldeia tem crescido notavelmente nos nossos dias por efeito do aforamento que a Misericórdia fez da herdade de S. Romão em courelas e chãos para edificações. Por isso mesmo também a Igreja Paroquial deve melhorar pouco a pouco.

Desta Igreja, que é capela particular do Forte do Ferragudo, trata o Santuário Mariano para onde remeto os leitores mais curiosos. (1)

A imagem da Santíssima Virgem foi mandada fabricar em 1587 por D. Francis co Lobo com o título de Nossa Senhora da Incarnação. Três vezes fez viagem à India e por fim pô-la Ambrósio Pereira de Berredo e Castro nesta Igreja que ele mesmo fundou em 1670.

O dito fundador alcançou Breve Pontificio para ter nela o Santissimo Sacramento e fazer as funções religiosas da Semana Santa, o que continuou a praticar-se até 1834, pouco mais ou menos, em tempo dos Condes de Bobadela, seus sucessores, que viviam ali mesmo.

Nos meus dias ou até 1863 houve ali capelão de missa aos domingos e dias santos.

O Forte é uma herdade com muitos anexos. Tem casa de campo excelente e uma pequena aldeia de caseiros, lagar de azeite, etc.

IV

Freguesia das Ciladas Igreja de Nossa Senhora das Ciladas

Com esta invocação é Orago da Paróquia a Bem-aventurada Virgem; porém não li nem ouvi nunca dar explicação deste título. Já me tem vindo ao pensamento se teria sido naqueles montes que se feriu em 1085 a famosa batalha de $Z\underline{a}$ laka, mas... nada pude ainda investigar a tal respeito.

Eu não creio que o título de Ciladas seja original da Imagem, mas antigo e próprio daquele sítio como acontece na maior parte dos títulos de Nossa Senhora.

Aquela Igreja, que é paroquial, está situada na herdade do Carvão, tendo por únicos vizinhos o sacristão e o Pároco algumas vezes. Além da capela-mor

⁽¹⁾ Tomo 7, Livro 6, Título 14.

tem os altares colaterais de Nossa Senhora do Rosário e das Almas com S. Miguel, virados para baixo. Olha para o poente e acha-se bem conservada; porém não tem já Pároco próprio: é servida pelo de S. Romão que ali vai dizer segunda missa aos domingos e dias santos e administrar os sacramentos.

Nestas freguesias a maior devoção dos fiéis é a Nossa Senhora do Rosário, a quem dedicam as festas régias do estio, enquanto que em Bencatel e Pardais são mais festejados os seus Oragos.

As Ermidas ou Capelas filiais de Santa Teresa e de Santo António que menciona a *Corografia Portuguesa* não existem já. Eram capelas particulares de algumas herdades.

٧

Catálogo dos Párocos das Freguesias Rurais

Artº 1º
Bencatel

O registo mais antigo de baptismos e casamentos principia em 1573 e o dos Óbitos em 1580.

1 - Jorge Garcez - 1573-79.

2 - Aleixo Pinto - 1580-86.

3 - Alvaro Sengo - 1587-89.

4 - Francisco Fernandes - 1589 até ao S. João de 1609.

5 - Afonso Pires Sanches - 1609-11.

6 - Sebastião Lopes de Matos - Um ano.

- 7 Afonso Pires (outra vez) 1612-23.
- 8 João Franco 1623-51. Vinte e oito anos. Morava na rua de Frei Manuel e faleceu com testamento no 1° de Fevereiro de 1651.
- 9 Sebastião Vaz Almirante Entra pelo S. João de 1651 e é capelão-cura dois anos.
- 10 André de Matos Conserva-se 21 anos (de 1653-74). Morava em Borba.
- 11 Domingos Gonçalves Ramos Licenciado. E cura 29 anos (1674-1703).
- 12 José Toscano Garota 33 anos de 1703 a 1736. Morava em Borba.
- 13 João Toscano da Palma Licenciado. Dois anos (1736-38).
- 14 José Toscano Garota Outra vez (poucos meses).
- 15 João Toscano da Palma Segunda vez e demora-se 25 anos (1738-63), residente na Freguesia.
- 16 João Martins Casco Pouco tempo em 1763.
- 17 José de Deus 1763-69.
- 18 José Rodrigues de Carvalho 1769-72. Efectuada a trasladação da paróquia em 1770, não quis vir para a nova por se desavir com Bartolomeu Fialho.
- 19 José Esteves Redondo Era de Beja e paroquiou 42 anos (1772 -1814). Fundou as casas altas do Beco da Cotovia formando ali uma horta ou quinta.
- 20 Manuel Bernardo de Bastos e Sousa Nascido na Freguesia. Foi Pároco até ao S. João de 1826. Era lavrador

da Nora e filho de António Caetano de Bastos, capitão de Ordenanças. Sendo excluído pelo seguinte, passou a ser cura em Pardais.

- 21 António das Dores e Figueiredo Natural de Borba e fradepaulista se cularizado. Instruído e zeloso Pároco. Fa leceu em 28 de Outubro de 1858, tendo játido um Encomendado (o Padre Miguel Augusto e Ma ta de 1854-58) e a meu irmão como Coadjutor desde 24 de Junho do último ano por se achar velho. Contou 80 anos.
- 22 António Joaquim da Rocha Espanca Tomou posse como Coadjutor em 24 de

 Junho de 1858; depois da morte do seu ante
 cessor foi Prior Encomendado até se colar um

 ano mais adiante.

Artº 2º

Principia o registo dos baptismos em 1626 e o dos matrimónios e óbitos em 1642.

- 1 Manuel Gomes 1626-39. Treze anos.
- 2 Francisco Gomes Mostarda Licenciado pela Universidade de Evora e natural da nossa vila. Foi Cura desde 1639 até 1660. Vinte e um anos.
- 3 António Rodrigues Canhão Licenciado também. Curou a freguesia 16 anos (1660-76).
- 4 José Jorge Seixas Dito anos (1676-84).

- 5 Silvestre João de Miranda - Vigário da Vara. Quinze anos (1684-99). - 1699-1707. Oito anos por esta la vez. 6 - Jerónimo Coelho Lobo - 1708-18. Dez anos. Morava em Borba! 7 - Manuel Rodrigues Ramalho - Outra vez Cura em 1718. Faleceu este 8 - Jerónimo Coelho Lobo sacerdote em 18 de Julho de 1732 e foi sepultado em Santo Agostinho. - Desde Janeiro de 1719 até Setembro de 9 - António Gomes Cordeiro 1725 em que passou para S. Vicente. - Encomendado em 1725 por pouco tempo. 10 - João Quadrado da Silveira - 1726-41. Quinze anos. 11 - Manuel Garcia da Fonseca - Pouco tempo em 1741. 12 - Vicente Ferreira da Silva 13 - Inácio Xavier Saraiva - 1741-51. Dez anos. - De Outubro de 1751 a iqual mês 14 - Francisco Franco Vicente de 1756. Cinco anos. 15 - Manuel Martins Filipe - Até Fevereiro de 1761. Pouco mais de 4 anos. 16 - Bernardo Lopes de Figueiredo - Pouco tempo em 1761. 17 - Francisco Pedro Vilar - 1761-69, Abril. Oito anos. 18 - Francisco António Moniz - Pouco tempo do ano de 1769.
- 20 António Pedro de Sousa de Brito Desde 1777 até Março de 1789. Natural de Vila Viçosa onde faleceu na Matriz a 7

19 - António Franco Quadrado

- 1769-76. Sete anos.

de Agosto de 1807 com 85 anos de idade.

- 21 D. Luís de la Cueva y Mendoza
- Pouco tempo em 1789. Faleceu em Vila V<u>i</u> cosa em Novembro de 1796. Era Cónego R<u>e</u> grante ou Loio secularizado.
- 22 Francisco Lauriano Pereira Jordão Algum tempo em 1790.
- 23 João Nepomuceno d'Assa Castelo Branco Desde 1790 até Janeiro de 1796. No tempo deste fabricou-se o tecto de abóbada na Igreja, cujas paredes o não comportavam resultando ameaçarem de-

comportavam resultando ameaçarem depois ruína eminente e ter de meter-lhe

o Prior Gil duas linhas de ferro.

- 24 António Pedro da Rocha
- 1796-99. Três anos. Passou a Beneficiado de S.Bartolomeu e a Prior mais tarde.
- 25 Manuel Bernardo de Bastos e Sousa Natural e morador em Bencatel. 1799 (Junho) até 1805 desta primeira vez.
- 26 José Passanha

- Encomendado, 1805 até Maio de 1807.
- 27 Manuel Bernardo de Bastos e Sousa Outra vez até Julho de 1814 em que pas sou a paroquiar em Bencatel.
- 28 Luís Cândido de Prado
- Natural e morador em Vila Viçosa (1814.
- 29 António Lobo da Gama
- Natural de Olivença e morador em Vila Vi çosa. Desde Março de 1818 a 24 de Junho de 1821.
- 30 Luís Cândido de Prado
- Segunda vez (1821-26). Foi processado por pregaro Liberalismo e degredado para a India de onde voltou em 1834 e foi

Pároco então em Aldegalega, segundo

- 31 Frei António da Boamorte Gil Era Frade Agostinho Descalço, mas secularizado. Dois anos (1826-28).
- 32 Manuel Bernardo de Bastos e Sousa Terceira vez. Desde os fins de 1828 até à sua morte sucedida em 1834. Como porém tivesse prolongados padecimentos, houve o Prelado de nomear alguns interinos sendo o seguinte o que teve mais tempo a Paróquia a seu cargo.
- 33 José Inácio Paixão Foi interino desde Dezembro de 1830 até

 Novembro seguinte. Depois passou a Be

 neficiado e Prior de S.Bartolomeu. Os

 mais interinos foram vários Capuchos.
- 34 Manuel da Boamorte Costa Pires Era conhecido pela alcunha de Festas e nascido em Vila Viçosa. Paroquiou des de Agosto de 1834 até 24 de Junho de 1851: quase 17 anos, e residiu na fre guesia. Daqui passou a Pároco de Juromenha, onde viveu pouco tempo.
- Natural de Beja e Frade Graciano. Paro quiou até Novembro de 1858 em que foi substituído por se achar enfermo. Viveu porém alguns anos ainda em Vila Viçosa.
- 36 Manuel Joaquim Ferreira Sisudo 1858-66. Quase oito anos administrou a Paróquia. Era natural de Vila Viçosa. Pedindo escusa do serviço paro quial por achacado, faleceu em 17 de Junho de 1877 sendo Vigário das Freiras das Chagas.

37 - António Joaquim da Rocha Espanca - Prior de Bencatel. Desde 6 de Julho de 1866 até 2 de Outubro de 1867 curou o espiritual o dito Prior de Bencatel por falta de pretendentes ao Curato. Mas não binavamissa aos dias de preceito por não estar isso ainda em uso. Então os Fregueses melhoraram o Bolo ou Côngrua e logo tiveram o seguinte.

- 38 Miguel Augusto Mata
- De Vila Viçosa, que paroquiava nas Ciladas. Desde 1867 até 1877. Mais de dez anos.
- 39 Joaquim José da Rocha Espanca Prior colado, tendo adquirido o Benefício por concurso de provas públicas. Tomou posse em 25 de Dezembro de 1877.

Artº 3º
S. Romão

Principia o registo de baptismos desta freguesia no ano de 1666; o de matrimónios, idem; e o de óbitos em 1670.

1 - Damião Franco Ferreira - De 1666 (ao menos) até Agosto de 1684.

2 - Manuel Rodrigues Traçado - Até Julho de 1693.

- 3 António Rosado 1693-1723. Trinta anos. Faleceu a 3 de Fevereiro do último.
- 4 Manuel Ramalho da Cunha Até Setembro de 1741. Dezoito anos. Fa leceu nesta vila a 29 de Agosto de 1757.
- 5 Alberto Mendes Catela Até ao fim de 1762. Vinte e um anos. Faleceu nesta vila a 15 de Maio de 1763.

6 - Vicente Pedro da Rosa	- Vigário da Vara, natural de Vila Viço- sa. Até Março de 1799, servindo assim 36 anos. Faleceu em 1800.
7 - José Pereira Mixote	- 1799-1811. Era natural de Vila Viçosa onde faleceu a 2 de Agosto de 1817.
8 – António José Pombeiro	- 1811-13.
9 - José Inácio da Silva	- Era de Vila Viçosa e irmão do Médico João Vicente da Silva. Desde 1813 até Agosto de 1816. Faleceu em 1829 a 25 de Fevereiro.
10 – Tomé José Pinto Neto -	- 1816-22. Era Franciscano seculariza- do e Prior colado.
ll – José Inácio Paixão -	Encomendado até ao fim de 1825 enquan- to o antecedente foi Vigário Geral do Isento e sofreu uma suspensão por Libe- ral.
12 - Tomé José Pinto Neto	Desde 1826 até Outubro de 1828. Faleceu em Vila Viçosa em Dezembro de 1831.
13 - Manuel Joaquim Ferreira Sisudo	- Encomendado pouco tempo em 1828.
14 - Frei António da Boamorte Gil -	Desde Dezembro de 1828 até ao fim de 1829.
15 - Frei João de Vila Nova -	Capucho. Encomendado em 1830 até Junho.
16 - Francisco José Lopes -	Desde Junho de 1830 até Dezembro de 1831. Natural de Borba.
17 - António José Pombeiro -	Outra vez. Desde Dezembro de 1831 até Janeiro de 1838.

18 - José Maria Carmelo	- Paulista. Muito pouco tempo em 1838.					
19 - Manuel Joaquim de Abreu	∼ Desde 1838 até Março de 1845. Era de Vi la Viçosa.					
20 - Frei Inácio da Costa Rosa	– Capucho, natural desta vila. Até 1849. Quatro anos.					
21 - Francisco José Lopes	- Segunda vez (1849-63). Catorze anos.					
22 – Luís António da Conceição	- Natural de Elvas. Primeiro residente na freguesia (1863-75).					
23 – José de Sousa Fialho	- Natural de Veiros. Prior colado. To- mou posse em 2 de Dezembro de 1875.					
	A STATE OF THE PARTY OF THE PAR					
Arts 49						
Ciladas						

Principia o	registo	de	baptismos	е	obitos	em	1601	е	0	de	matrimónios	em
1603.												

1 -	António Fernandes	-	Desde 1601 (ao menos) até S. João Bap tista de 1606.
2 -	João Fajardo	-	Até Maio de 1608.
3 -	Afonso Pires Sanches	-	1608. Um ano.
4 -	António Fernandes	-	Outra vez em 1609 até 15 de Julho de 1612.
5 -	Manuel Ramalho	-	Desde 1612 até ao S.João de 1625.
6 -	Bartolomeu Gonçalves	-	Mestre em Artes. 1625-28. Três anos.

7 - Tomé Alvares Velho - 1628-30. Dois anos. Este chegou a ser Doutor e Vigário Geral do Arcebispado de Evora. Era natural de Vila Viçosa. 8 - André Martins de Mira - Nove anos (1630-39). 9 - António Rodrigues Picão - Desde Agosto de 1639. Pouco tempo. 10 - Manuel Pinto da Maia - Cerca de um ano (1640). 11 - António Rodrigues Picão - Outra vez de 1641 a 1645. 12 - Manuel de Azambuja Botelho - De 1645 a 1652. 13 - António Pereira - 1652-55. 14 - Dr. João Fanqueiro da Fonseca - 1655-58. Depois disto a freguesia esteve anexa à de S.Lourenço no termo de Elvas três anos (1658-62) layrando --se lá o registo paroquial. 15 - João Leitão - 1662 até 1669. 16 - Manuel Mendes - 1669 até ao S. João de 1684. 17 - Luís Mendes de Azevedo - Era Licenciado. Paroquiou desde 1684 até Julho de 1710. 18 - António Dias de Macedo - Também Licenciado. Paroquiou desde 1710 até Outubro de 1733. 19 - Francisco Mendes de Azevedo - Até Outubro de 1740. 20 - João do Espírito Santo Carvalho - Em 1740 até 24 de Junho de 1741. 21 - Manuel Rodrigues da Silva - De 1741 até 1776. Residia na paróquia e veio morrer ao Convento dos Capuchos

em 25 de Janeiro de 1776.

- 22 Francisco Pedro Vilar De 1776 a 1792.
- 23 Francisco Lauriano Pereira Jordão 1793 a 1813. Vinte anos.
- 24 José Inácio da Silva Parte do ano de 1813.
- 25 António José Pombeiro De 1813 a 1831. Dezoito anos.
- 26 Manuel da Boamorte Costa Pires Parte do ano de 1832. Este passou depois para Pardais.
- 27 Frei Antónic de Beja De 1832 a 1835. Era Capucho requisit<u>a</u> do pelo Ordinário do Isento.
- 28 Frei João Moreira Graciano. De 1835 a 1837. Foi depois Prior de Pardais.
- 29 António Maria Palma Eo mesmo Frei António de Beja. De 1837 a 1846. Depois foi Prior de S.Bartolo meu.
- 30 Barnabé de Oliveira e Ataíde De 1846 a 1852. Tinha sido Cónego da Real Capela de Vila Viçosa.
- 31 Sebastião António de Oliveira De 1852 a 1856.
- 32 Manuel da Encarnação Barreiros De 1857 a 1858.
- 33 Miguel Augusto Mata De 1858 a 1867.
- 34 Estevão Lourenço Pereira Era do Bispado de Elvas e residia nesta cidade (1867-71). Depois disso ficou a Freguesia anexa à de S. Romão.

Todos os Priores das Ciladas residiam lá mesmo, exceptuando o último.

CAPITULO XXXVII

Conclusão deste assunto de monumentos religiosos. Breves reflexões àcerca da sua conservação na actualidade.

> De ruínas duas espécies há: uma, obra do tem po; dos homens, a outra... O tempo, com pa vor até se vê, num relance, destruír em homens o que a derrubar séculos levaria ele.

(Chateaubriand - Génio do Cristianismo)

1

Temos percorrido a série de monumentos religiosos que existem ou existiram nesta vila e seu termo, incluindo os institutos de religião e piedade.

Af ficam relacionados todos; e todos bem ou mal descritos, mas sempre com uma clareza e minuciosidade como ninquém ainda o fez.

Uma falta única se encontra aqui, a meu ver; e essa falta não estará ao meu alcance para remediá-la. Refiro-me a gravuras que representassem aos olhos dos leitores mais depressa e melhor com traços o que eu tenho explicado com palavras. Seria isso nas minhas descrições um esmalte de subidíssimo valor e que eu, podendo, não recusaria da mesma sorte aos monumentos profanos que tenho ainda a resenhar. Mas... non omnia possumus omnes, como já observei noutro lugar.

H

Antes de passar a outras matérias, quero ainda lembrar aos meus leitores que, se os nossos monumentos cristãos duram ainda na sua maior parte, é isso devido aos sentimentos religiosos dos Calipolenses que neles vêem, e com orgulho muitas vezes, o mais belo apanágio da sua terra; e, se alguns têm perecido, é porque, não tendo já o nosso povo o número e a riqueza de quando

eles se fundaram, mal pode conservá-los com o devido esplendor.

Algum resfriamento se observa, digamos a verdade, no zelo da conservação destes monumentos e prova-se isto com a negligência do reparo das Igrejas de S. Sebastião e S. Paulo que, achando-se a cargo do Município, muito bem podiam consertar-se. Mas quem é nisso o principal culpado?

Alquém responderá: - São as ideias novas... É o espírito da época...

Eu, porém, não aceito a explicação porque as ideias dos solventes, o espírito destruidor, são tão velhos como o globo que habitamos; são como o fogo oculto na pederneira desde que ela existe e que só carece de um choque rijo ou de um motor para se manifestar. Ora, esse motor é a heresia do século que se apoderou do governo da nação e se vangloria com o fementido nome de Liberalismo.

Se não mandou derrubar os conventos, consente que os arrasem e vende - os a quem lhe oferecer alguns cobres para lhes dar o destino que entender.

Se alguma Ermida está periodicamente abandonada, tem pressa em vendê-la para que a profanem ou acabem de a destruír como sucedeu com a de S. Marcos.

E certo que, não tendo as Ermidas residência contígua em que more um eremitão para vigiar pela sua conservação e asseio, perecem inevitavelmente e não há dúvida em que vendendo o Governo Liberal esses eremitérios quer se destruam as Ermidas.

Em cima de tudo isto, vendendo o mesmo Governo por todo o preço os bens e rendimentos das Igrejas, tira-lhes o recurso da sua conservação empobrecendo—as porque nunca a subrogação em papéis de crédito compensa os valores desamortizados e porque esse roubo disfarçado produz no ânimo dos fiéis uma desconfiança prudente que lhes tolhe a devoção de legarem às Igrejas quaisquer bens ou rendimentos vendo que lhes dão aplicação diferente e até avessa da que lhes destinaram os seus doadores.

Quem faz o espírito da época são os Governos Centrais: tenham-no assim en tendido os leitores; e daí vem a antiga máxima:

Regis ad exemplum totus componitur orbis.

Os Governos Centrais são na sociedade como o sol nos sistemas planetários. Os corpos que giram em torno dele são por ele influenciados necessariamente. Logo, só com a mudança do motor central, substituíndo-o por um sol benéfico poderão experimentar-se melhores influências e criar-se novo espírito social.

Assim como vamos... adeus monumentos religiosos!

Nações estranhas conservam
Seus nacionais monumentos;
Para os vindouros reservam
De glória os seus documentos;
A picão, a camartelo,
Nós vemos despedaçar
O monumento mais belo,
Mudar um templo... em bazar!(1)

⁽¹⁾ Pizarro - Romanceiro Português, Tomo 1, pág. 36.

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NESTE VIGESIMO QUINTO FASCÍCULO

CAPITULO	XVIII - Frequesia de S. Bartolomeu	7
CAPITULO	XIX - Igreja de S. Sebastião ou do Mártir	25
CAPITULO	XX - Igreja de Santo António de Lisboa	29
CAPITULO	XXI - Igreja de Santa Luzia	32
CAP1TULO	XXII - Capela de Nossa Senhora dos Remédios	35
CAPITULO	XXIII - Capelas dos Passos do Redentor	38
CAPITULO	XXIV - Ermida de S. Tiago Maior	40
CAPITULO	XXV - Ermida de S. Luís	44
CAPITULO	XXVI - Ermida de S. João Batista	47
CAP1TULO	XXVII - Ermida de S. José	50
CAPITULO	XXVIII - Igreja de Nossa Senhora	54
CAPITULO	XXIX - Ermida de S. Bento	64
CAP1TULO	XXX - Ermidas situadas na Capela Real	68
CAPITULO	XXXI - Ermida de Nossa Senhora do Paraíso	73
CAP1TULO	XXXII - Ermida de S. Domingos	76
CAPTTULO	XXXIII - Ermida de Santo Ildefonso	79
CAPITULO	XXXIV - Ermida de S. Marcos	81
CAPITULO	XXXV - Ermida de Santo André e outras noticías	84
	XXXVI - Igrejas e Ermidas existentes nas freguesias ru-	87
CAPITULO	XXXVII - Conclusão deste assunto de monumentos religiosos,	
breves re	eflexões acerca da sua conservação na actualidade	110

IMPRESSO POR GRÁFICA CALIPOLENSE

VILA VIÇOSA

TIRAGEM 1 500 EXEMPLARES

OUTUBRO 1985

MEMÓRIAS de VILA VIÇOSA

E uma extensa monografia e laborada no século XIX pelo Padre Joaquim José da Rocha Espanca cujo manuscrito se en contra arquivado na Biblioteca da Câmara Municipal de Vila Viçosa.

Investigação duma profundi dade pouco comum, representa hoje um contributo importante para a divulgação principalmente da História e Etnografia da região.

Dada a extensão da obra cu jo original é composto por cin co Tomos de quase mil páginas manuscritas cada, dividir-se--á cada Tomo em cinco volumes. Prevê-se ainda a publicação de outro trabalho do mesmo autor editado em 1894 sob o título "Estudo sobre as Antas e seus congéneres" de que foram impressos somente 200 exemplares.

